



ALUNO-PROBLEMA

André Rodrigues Rosale

Trabalho de Conclusão do Curso Superior de Licenciatura em Matemática, orientado
pela Prof. Ma. Fabiane Guimarães Vieira Marcondes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Rosale, André Rodrigues.

Aluno-problema / André Rodrigues Rosale. - São Paulo: IFSP,
2013.

93f

Trabalho de Conclusão do Curso Superior de Licenciatura em
Matemática - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
São Paulo

Orientadora: Fabiane Guimarães Vieira Marcondes.

1. Aluno-problema. 2. Indisciplina. 3. Criança-problema 4.
Escola. 5. Moral e ética I. Título do trabalho.

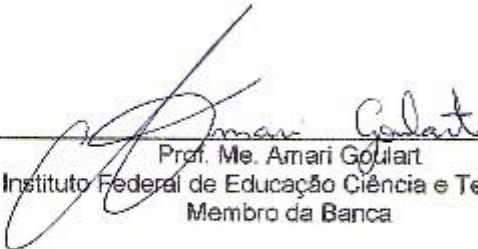
ANDRÉ ROSALE

ALUNO-PROBLEMA

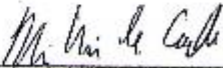
Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, em cumprimento ao requisito exigido para a obtenção do grau acadêmico Licenciado em Matemática.

APROVADA EM 20/06/2013

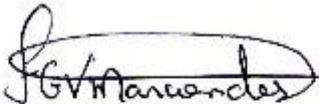
CONCEITO: 10,0



Prof. Me. Amari Goulart
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia
Membro da Banca



Prof. Me. Henrique Marins de Carvalho
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia
Membro da Banca



Profa. Me. Fabiane Guimarães Vieira Marcondes
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia
Orientadora



Aluno: André Rosale

"Há uma história por trás de cada pessoa. Há uma razão pela qual elas são do jeito que são, então não julgue."

Michel Telles

*Aos Meus Pais e minha avó que me ensinaram tudo
o que há de mais valioso na vida. Ao meu avô, pois
tenho certeza que ele me acompanha, esteja onde
estiver...*

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares pelo amor compartilhado em todos os anos da minha vida. Agradeço a professora mestre Fabiane Guimarães Vieira Marcondes pela orientação, dedicação e paciência para que pudéssemos concluir o trabalho. Aos professores e alunos entrevistados da escola em que realizamos a pesquisa, por apoiarem o projeto e ajudarem no desenvolvimento da pesquisa e a direção da escola pelos dados fornecidos. A minha namorada Manu pelo companheirismo e apoio em tudo o que faço. Agradeço aos meus colegas de curso, Orlando, Leandro, Ana Olívia, Diogo-Paçoca, Anderson-Perucão, Arnaldo, Anderson, Thais Matos, Filipe, Fernando, Elígio, Carol, Aline, Camila, Thais, Thalita e tantos outros que não foram citados, mas também me ajudaram por diversas vezes durante todos esses anos. Agradeço em especial aos meus amigos Diego, Leonardo Cassio e Rafael Prado, por proporcionarem momentos de alegria mesmo quando a situação era adversa.

RESUMO

Este trabalho é voltado para o aluno-problema das escolas públicas. Em um levantamento bibliográfico, foram considerados principalmente os trabalhos de Freitas (2011) e Silva (2012) que versam sobre as causas do rótulo aluno-problema e a dificuldade dos alunos em se adequar ao comportamento esperado pela escola e, a obra *A criança problema* de Ramos (1949), um estudo de caso dos alunos indisciplinados na década de 1930. Em seguida, 7 professores de uma escola estadual, localizada na cidade de Barueri-SP, preencheram questionários para indicação de 5 alunos rotulados como aluno-problema. Analisamos as ocorrências escolares desses alunos indicados pelos professores com o objetivo de caracterizar o aluno-problema participante da pesquisa. Por fim, realizamos entrevistas individuais com os 5 alunos. Por meio dos questionários, ocorrências escolares e entrevistas com os alunos, obtivemos informações importantes sobre o pensamento do aluno-problema em relação à escola, com base nos conceitos de moral e ética defendidos por La Taille (2000, 2002 e 2006). Notamos que os alunos conhecem as regras, mas não entendem o motivo pelo qual elas estão sendo aplicadas e, conseqüentemente, não as respeitam. Concluímos que os alunos precisam adquirir os conceitos de Moral e Ética, para que possam respeitar as regras da escola.

Palavras-chaves: Aluno-problema. Indisciplina. Criança-problema. Escola. Moral e ética.

STUDENT PROBLEM

ABSTRACT

This work refers to the student problem in public schools. After a bibliographic research, the works of Freitas(2011) and Silva(2012), were mainly considered focusing the causes of the student problem and the difficulty of his behaviour, and the work *A criança problema* of Ramos (1949), a study about students with bad behaviour in school in the 1930's. Besides that, seven teachers from the state school, located in the city of Barueri-SP, filled out questionnaires to indicate five students faced as "student problem". The occurrences told by the teachers were analyzed. Then individual interviews with the five students were done. At the end of these procedures, important information was obtained about the thinking of student problem in relation to school, based on the concepts of morals and ethics defended by La Taille (2000, 2002 and 2006). The study shows that students know the rules, but they don't understand why they are supposed to follow them and therefore don't respect them. The conclusion is that students need to acquire the concepts of morals and ethics, so that they can comply with the school rules.

Keywords: Student problem. Indiscipline. Problem child. School. Morals and ethics.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

LBI	Laboratório de Biologia Infantil
CBPE	Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais
CRPE-SP	Centro Regional de Pesquisa Educacional

SUMÁRIO

	<u>Pág.</u>
1 INTRODUÇÃO.....	19
2 ALUNO OU PROBLEMA?	25
2.1. Caracterização	25
2.2. O aluno-problema na história	28
2.3. A escola do aluno-problema.....	36
3 METODOLOGIA	39
3.1. Metodologia de análise de dados.....	40
3.2. Moral e ética segundo La Taille.....	41
3.3. Caracterização da escola	42
4 A PESQUISA	43
4.1. Aluno A.....	45
4.2. Aluno B.....	48
4.3. Aluno C.....	51
4.4. Aluno D.....	54
4.5. Aluno E.....	57
5 CONCLUSÃO	61
REFERÊNCIAS.....	63
ANEXO A – FICHA DOS ALUNOS	65
ANEXO B – QUESTIONÁRIO PREENCHIDO POR PROFESSORES	84
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	91

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é voltado para o aluno-problema das escolas públicas. Tivemos como inspiração para realizá-lo, situações vivenciadas em sala de aula, como o relato abaixo, do professor Rodrigo¹, 22 anos, que trabalha em uma Escola pública do Estado de São Paulo lecionando matemática.

“Comecei a minha carreira como professor de matemática em uma escola pública do Estado de São Paulo, mais precisamente na cidade de Itapevi, no início de fevereiro de 2011. Após dois anos cursando licenciatura em matemática, decidi me aventurar na sala de aula com algumas crianças à minha vista. Antes de começar o ano letivo me preocupei exclusivamente em preparar as aulas, pensando que evoluiria com o tempo na profissão tão desejada desde a minha infância. Confesso que já ouvira de alguns colegas de curso que lecionar em escola pública era “complicado”, mas mesmo assim por algum motivo que desconheço até hoje, ignorei esses relatos e só pensava em transmitir conhecimento e o pouco de experiência que podia ajudá-los de alguma forma.

Lembro-me do primeiro dia de aula como se fosse hoje. Aula preparada, ânimo de sobra e pensamentos de quem está prestes a se deparar com algo esperado há anos. Na primeira aula um sétimo ano me esperava. Crianças de doze anos. Crianças de doze anos que me dominaram. Menos de cinquenta minutos foram suficientes para lembrar-me de tudo o que meus colegas de faculdade diziam. Mal consegui me apresentar. Impressionei-me com algumas risadas e algumas “caras de deboche” lançadas por vários alunos ao mesmo tempo em que eu tentava dizer quais conteúdos seriam estudados durante o ano. Saí arrasado daquela sala, mas com a esperança de que enquanto descesse alguns lances de escada conseguiria encontrar alguma explicação para o que havia acontecido durante aqueles terríveis cinquenta minutos. Não encontrei. Não sei quanto tempo descendo lances de escada seria necessário para que isso acontecesse. Outra aula, outro sétimo ano e percebi que o que ocorrera na aula anterior iria me acompanhar pelo o restante do ano.

¹ Nome fictício, para preservar a identidade do professor.

Desde os primeiros dias em sala, o maior empecilho no desenvolvimento das aulas era a indisciplina de alguns alunos. Essas crianças passavam a impressão de que não queriam estar ali, que escola não era pra eles e que quanto mais eu insistisse em dar aula, piores seriam os seus comportamentos.

O que eu mais ouvia quando estava na sala dos professores era que dar aula estava cada vez mais difícil, que os alunos estavam terríveis, que não queriam nada, que não sabiam nada. Que era pra eu me acostumar com isso. Passei a não dar tanta importância para os relatos dos professores, pois pensava que aceitar isso era enterrar meu sonho de ser professor. Pensava naquele momento, que planejar aula, que saber o conteúdo era sim necessário, mas já não era o mais importante. Os alunos precisavam aprender a respeitar o próximo, antes de começar a aprender matemática. Então a principal questão era como cidadão. Como convencer um aluno indisciplinado desses a estudar? Como convencê-lo a respeitar as pessoas ao seu redor?

Após vários dias na escola percebi que tais alunos, rotulados como “aluno-problema”, já eram conhecidos pela indisciplina em anos anteriores. As crianças e os adolescentes, ao atrapalharem os professores, são em sua maioria retirados da sala de aula ou até suspensos, caso o fato volte a ocorrer. Uma questão que me provoca com relação a tais atitudes tomadas por professores e membros do setor administrativo escolar é: a que ponto essa exclusão do ambiente escolar ajuda o aluno a se conscientizar em relação ao seu comportamento e se adequar aos comportamentos apresentados por alunos ideais?

Não consigo entender como culpa do próprio aluno essas atitudes de indisciplina. Desde o início da minha experiência como professor, penso que essas dificuldades dos alunos em se adequar ao “comportamento ideal” são geradas por outros problemas, sendo eles familiares, sociais, ou ainda, na gestão da própria escola. Esse pensamento não é fruto de leituras de trabalhos realizados sobre o tema, mas apenas das experiências nas aulas de matemática.

Conseguí trabalhar o ano todo com algumas aulas bem dadas. A matemática realmente não foi o mais importante no ano de 2011. Na realidade, tive inúmeras conversas com os alunos, sempre envolvendo temas como: educação, respeito,

deveres dos estudantes em relação à escola. Essas discussões foram sempre mais atrativas do que as aulas de matemática.

Em 2012 consegui aula em outra escola próxima à primeira em que trabalhei no ano anterior. Cerca de 1 km separava as duas unidades de ensino. Outra vez sétimo ano e acrescentando três oitavos anos para “experimental”. Primeiro dia de aula perfeito. A minha apresentação com um “ar de respeito” me surpreendeu. Começava as aulas sempre com uma conversa descontraída e, depois de poucos minutos, apresentava o conteúdo de matemática sem maiores dificuldades. Algumas vezes chamava a atenção de um ou outro aluno, mas mesmo assim a situação era muito diferente das aulas ministradas no ano anterior. Algumas crianças apresentavam problemas comportamentais, mas as aulas fluíam sem maiores dificuldades.

Um ano letivo totalmente diferente do anterior. Boas aulas, bons alunos. Alguns problemas, alguns alunos-problema é claro, mas outra realidade.

Presenciei algumas situações em 2012 de que também não me orgulho. Mesmo com uma diferença muito grande em relação à escola em que trabalhei em 2011, alguns alunos geraram, por motivos de indisciplina, grande dificuldade para os professores. Dificuldades essas que podem se resumir a questões de respeito, ou melhor, falta de respeito dos alunos com os funcionários da escola. Das poucas aulas que não consegui ministrar de uma maneira agradável, todas tiveram como empecilho problemas comportamentais.

Na “nova escola”, o número de indisciplinados era consideravelmente menor, porém a dificuldade de tratamento era a mesma. Por diversas vezes esses alunos problemáticos eram levados à diretoria ou coordenação. Não resolvia. Pelo contrário, esses alunos continuaram atrapalhando as aulas como se fosse algo inevitável.”

Vendo em situações como a relatada por Rodrigo malefícios à escolarização desses alunos, pesquisas sobre esse tema, que não é somente da atualidade, foram feitas e serão apresentadas e discutidas no decorrer deste trabalho.

Não visamos aqui, de imediato melhorar as aulas de matemática, tampouco apenas agir em torno do bem de professores. O principal objetivo é entender o pensamento

que o aluno, considerado pela instituição escolar como aluno-problema tem em relação à escola, para que seja possível em um futuro próximo, guiar ações direcionadas à melhora da relação aluno/escola.

Decidimos fazer esse trabalho neste momento, pois se, em algum dia, não nos surpreendermos ou nos incomodarmos com os problemas de indisciplina escolar, com a falta de respeito dos alunos, com o fato de um aluno simplesmente não se importar com os estudos, infelizmente não teremos mais motivos para fazer um trabalho como esse, pois se estivermos cômodos com a situação atual, certamente não alcançaremos os objetivos propostos neste trabalho.

Observamos que desde o início do século XX a dificuldade na adaptação de alguns alunos ao ambiente escolar é motivo de estudos e discussões entre diversos especialistas. Na década de 1930, o biólogo infantil Leonídio Ribeiro buscou unir a medicina e a pedagogia para explicar as atitudes das crianças que não se comportavam como o esperado pela escola (Freitas, 2011). As pesquisas foram realizadas com crianças do Rio de Janeiro, no âmbito do LBI - Laboratório de Biologia Infantil, criado em 1935, com o objetivo de proporcionar “estudo e assistência aos menores anormais e delinquentes do Distrito Federal” (Müller, 2005). No início de 1936, as pesquisas começaram a ser realizadas pelo LBI e relatórios apontavam que as crianças que tinham dificuldade em se adequar ao ambiente escolar eram consideradas “doentes” e “anormais”, precisando assim de acompanhamento médico adequado (Silva, 2011).

Ainda na década de 1930, outra pesquisa com crianças consideradas problemáticas foi realizada no Rio de Janeiro. No entanto, um trabalho com objetivos e conclusões muito mais generosas. Trata-se da pesquisa liderada por Arthur Ramos, no âmbito do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental da Diretoria de Instrução Pública da cidade do Rio de Janeiro (Freitas, 2011). O objetivo do trabalho era descobrir os motivos pelos quais as crianças não conseguiam desempenhar o seu papel na escola. Na análise das entrevistas com os alunos “difíceis”, Ramos e sua equipe mostraram que deveriam inverter os dados clássicos da criança chamada “anormal” e concluiu que cerca de 90% das crianças tidas como “anormais”, na realidade não sofrem de nenhum desequilíbrio mental, e sim, são vítimas de uma série de situações adversas, seja no ambiente social ou familiar (Ramos, 1949).

Ramos introduziu então o conceito de “criança problema” para que estas sejam diferenciadas das crianças “anormais”, um termo muito utilizado na época e criticado pelo pesquisador, que considerava o termo “anormal” impróprio em todos os sentidos (Garcia, 2006).

É importante mencionar também, os estudos realizados pelo CBPE – Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, fundado no Rio de Janeiro em 1956 e também por suas cinco seções Regionais (CRPEs), nas capitais dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul (Ferreira, 2001). O CBPE e os CRPEs patrocinaram diversos estudos de casos com vários pesquisadores com atenção especial à relação entre escola e comunidade (Freitas, 2011). Assim, podemos destacar quatro temas que se mostram decorrentes nos estudos realizados por pesquisadores da instituição. São eles: Educação e Ciências Sociais, Desenvolvimento Sócio-Econômico, Mudança Cultural e Educação (Ferreira, 2001). Na década de 1960 discutia-se com mais intensidade os problemas gerados pelo ingresso de “todos” na escola pública e os projetos do CBPE proporcionaram importantes revisões sobre o ingresso das crianças pobres no ambiente escolar. “Foi no âmbito da Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais do CBPE que a “criança favelada” foi projetada como objeto de ciência específico, considerado fundamental para os estudos de caso sobre os desafios da escolarização” (Freitas, 2011).

Com base em Ramos (1949), Freitas (2011) e Silva (2012) decidimos realizar uma pesquisa com o aluno rotulado como aluno-problema, para que possamos entender os motivos de tal rótulo, levando em consideração as características do aluno-problema nos dias de hoje. Entendemos que a melhor forma de compreender o problema em questão, é justamente ouvindo o aluno rotulado como aluno-problema.

Fizemos uma pesquisa qualitativa por meio de entrevistas individuais com 5 alunos-problema de uma escola estadual localizada na cidade de Barueri-SP. Os documentos como: notas, advertências e ocorrências escolares em geral, feitos por membros da escola (professores e coordenação) e um questionário respondido por professores desses alunos foram estudados individualmente.

As análises das entrevistas com os alunos foram feitas considerando as obras de La Taille (2000, 2002 e 2006). Analisamos qual é a visão do aluno em relação às regras

impostas pela escola, com base nas definições de Moral e Ética, propostas pelo autor:

A questão pode ser retomada por meio dos conceitos de moral e ética. A moral trata de limites no sentido restritivo (deveres). A ética, por remeter a projetos de vida, trata dos limites no sentido da superação, do crescimento, da busca de excelência. (Le Taille, 2000, Pag.11)

Tínhamos como hipótese que as entrevistas iriam nos guiar a conclusões que consideramos fundamentais para entendermos o pensamento que o aluno-problema tem em relação à escola, o que em nossa visão é o primeiro passo para tentar melhorar a relação aluno/escola.

No Capítulo II, caracterizamos o aluno-problema com base nos trabalhos de Freitas (2011) e Aquino (1998). Foram feitas análises das pesquisas de Leonídio Ribeiro, Arthur Ramos e dos CBPE e CRPEs sobre o tema. Em seguida, fizemos uma pesquisa qualitativa por meio de entrevistas individuais com 5 alunos-problema de uma escola estadual, localizada na cidade de Barueri-SP. A metodologia da pesquisa está disponível no Capítulo III. Os documentos como: notas, advertências e ocorrências escolares em geral, feitos por membros da escola (professores e coordenação) e um questionário respondido por professores desses alunos foram estudados individualmente. Por meio de entrevistas com os alunos em questão, obtivemos informações importantíssimas para darmos continuidade no trabalho e, assim respondermos algumas questões em relação ao aluno-problema, tal como: Qual a opinião desse aluno sobre a escola? (para que serve e em que lhe será útil no futuro). As análises das entrevistas que fizemos com os alunos estão disponíveis no Capítulo IV. No capítulo V, estão as conclusões sobre o trabalho.

2 ALUNO OU PROBLEMA?

2.1. Caracterização

Para começar a falar sobre “aluno-problema” é necessário, inicialmente, que caracterizemos um aluno dito ideal. É esperado o aluno com um alto grau de compromisso, dedicação, entusiasmo, e iniciativa, de forma que saiba utilizar todas essas qualidades dentro da escola, respeitando os direitos das outras pessoas e mantendo os valores necessários para uma boa convivência em sociedade. Caso o aluno não apresente tais comportamentos, sua imagem é imediatamente taxada como problemática, ou simplesmente seu comportamento é uma das explicações para o “fracasso escolar” (Silva, 2012).

Qualquer docente tem conhecimento de que na maioria das vezes não há salas de aula repletas de “alunos ideais” e, ao nos depararmos com um aluno desrespeitador, por exemplo, é costume esse ser frequentemente indicado como um aluno problemático. Quando falamos de um aluno que não é ideal, logo percebemos que ele não segue algumas das regras impostas pela escola. Um aluno com dificuldades de aprendizado ou com dificuldades em se enquadrar a um “tipo de comportamento” considerado aceitável pela escola é um aluno rotulado como “não ideal”, assim como o estudante com excesso de faltas, apesar de pouco comentado, também terá problemas no processo de escolarização.

Para caracterizarmos o aluno problema, nos apoiamos no artigo *A indisciplina e a escola atual* de Júlio Groppa de Aquino.

Para Aquino “o “aluno-problema” é aquele que padece de certos supostos “distúrbios psicopedagógicos”; distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva (distúrbios de aprendizagem) ou de natureza comportamental” (1998, p.3). Nessa última enquadra-se um grande conjunto de ações que são consideradas “indisciplinadas”. Segundo o autor, a indisciplina e o baixo aproveitamento dos alunos, seriam causas do “fracasso escolar”, ou seja, causas da criança não conseguir concluir de forma satisfatória os oito anos mínimos e obrigatórios na escola.

Aquino apresenta o tema aluno-problema em três “hipóteses explicativas” da indisciplina na escola.

- o aluno “desrespeitador”;
- o aluno “sem limites”;
- o aluno “desinteressado”;

Na última categoria, Aquino (1998) refere-se aos alunos que não veem atrativos nas aulas ministradas na escola, não têm interesse em aprender os conteúdos ensinados pelos professores e se atraem por outros meios de comunicação. Não trabalharemos com essa “classe de alunos” e sim, com as duas primeiras: o aluno “desrespeitador” e o aluno “sem limites”, em que os alunos não têm respeito pelos funcionários da escola, com os outros alunos, não respeitam regras e tais atitudes influenciam diretamente em seu desempenho escolar.

Há um ponto que deve ser considerado por todos os envolvidos com a educação quando se fala em um aluno-problema por conta da indisciplina: rotulamos um aluno segundo o seu comportamento. Os alunos têm que seguir uma linha de comportamento proposta por uma “classe superior”, sendo essa classe composta por funcionários da escola. Tal linha de comportamento, é claro, segue as “regras” básicas impostas pela sociedade como um todo, para que se tenha uma suposta “boa convivência” entre os alunos e um bom resultado na relação aluno/escola. O problema é que se o aluno não seguir tais regras, é imediatamente taxado como desviado ou transgressor no ambiente escolar. Podemos fazer comparações desses desvios dentro da escola com qualquer situação paralela vivenciada fora da instituição de ensino, por exemplo, quando uma pessoa é rotulada de “marginal”, ou seja, a pessoa que por algum motivo não está inserida no convívio social é sinal de que houve algum desvio desse cidadão em relação às regras impostas pela sociedade em que vive.

Não estamos aqui dizendo que a escola não deveria possuir regras, afinal, é inevitável a criação de regras em uma sociedade. Mas, apoiando-me em autores como Freitas (2011) e Silva (2012), que defendem que a própria escola em muitos casos, faz o processo de exclusão de determinados alunos fluir mais rapidamente, penso que tomar como base as ações que se tem na sociedade (fora da escola) não é o melhor a se fazer dentro da escola. Quando reconhecemos uma pessoa como “marginal”, independente do motivo pelo qual se deve o desvio, esperamos que ela

seja punida de alguma forma. O problema é que o mesmo ocorre na escola. Quando um aluno é rotulado como indisciplinado, espera-se por parte da própria escola, uma punição para que esse aluno se enquadre posteriormente às regras impostas pela instituição de ensino. Seja uma suspensão (com a qual o aluno fica proibido de frequentar a escola por um tempo determinado), ou uma convocação dos responsáveis do aluno, com a esperança de que a família “dê um jeito”. Mas a escola também não é responsável por esses alunos? A escola não tem a função de criar e aplicar ações para que mais tarde esses desvios não ocorram também fora da instituição com reflexos de maior gravidade para a sociedade?

Se apenas punirmos esse aluno (nos incluímos como profissional da escola) não faremos uso somente de um pensamento de hierarquia (em que a escola manda e o aluno obedece) tomado como solução para o problema, mas que na realidade pode resultar em exclusão? Analisamos o que diz Silva (2012) com relação às “punições” impostas pelas escolas a esses alunos considerados desviados.

Como as expectativas de organização escolar são pautadas em modelos de comportamentos esperados a priori, às infâncias que não cabem nesses modelos são criados mecanismos de descartes e de estigmatização dos transgressores. Tais mecanismos retroalimentam um aparato discursivo que não somente justifica as sanções impostas aos desviados, mas, principalmente, produz o desvio. (Silva, 2012, p.26)

Nesse trecho, o autor critica os “mecanismos de descartes” existentes nas escolas. Segundo Silva (2012), a própria busca pela homogeneidade acaba gerando diferenças e exclusões no ambiente escolar. Exatamente o que ocorre com a criança, quando rotulada como aluno-problema.

Segundo Aquino (1998), ao eleger aluno-problema como um empecilho ou obstáculo para o trabalho pedagógico, os docentes correm abertamente o risco de cometer um sério equívoco ético, que é o seguinte: não se pode atribuir aos alunos a responsabilidade pelas dificuldades e contratempos de nosso trabalho, nossos acidentes de percurso. Aquino (1998) faz ainda uma comparação bastante apropriada (do nosso ponto de vista), dizendo que ao atribuir aos alunos tal responsabilidade seria o mesmo que um médico supor que o grande obstáculo da medicina atual são as novas doenças. É função da escola se esforçar para que essa

criança considerada problemática não faça parte futuramente, das estatísticas do fracasso escolar e assim fazer de um “obstáculo” um trabalho bem sucedido.

2.2. O aluno-problema na história

Analisamos neste trabalho estudos realizados que nos mostram com clareza o contexto de criança problema ou aluno problema em diversos períodos da educação no Brasil. Tais trabalhos mostram que a preocupação com o aluno-problema já existia desde o início do século XX. Essas pesquisas eram direcionadas para o problema da homogeneidade em sala de aula, mostrando que o alcance da expressão “educação para todos” em nossa sociedade é relativo.

Começaremos as análises nas pesquisas feitas na década de 1930 e apresentamos algumas visões diferentes sobre o tema.

Na década de 1930, alguns trabalhos foram considerados essenciais para que pudéssemos entender o significado de aluno-problema e os seus supostos reflexos na sociedade. Mostraremos, inicialmente, dois trabalhos considerados revolucionários, realizados no mesmo período e espaço físico, porém com visões completamente distintas. Trata-se dos trabalhos liderados por Leonídio Ribeiro e Arthur Ramos. Falaremos primeiramente da pesquisa realizada por Ribeiro.

Na mesma década, a cidade do Rio de Janeiro evidenciava o quanto a sociedade brasileira discutia as questões dos problemas sociais e o papel da escola na vida das crianças da época (Freitas, 2011). Tais discussões eram voltadas sempre para classes inferiores e quando se fala em mau comportamento das crianças das regiões suburbanas na escola, logo se pensava em criminalidade.

Leonídio Ribeiro, um biólogo infantil reconhecido internacionalmente e com o respaldo do então presidente Getúlio Vargas, era considerado uma “autoridade em infância”. É importante destacar que nas pesquisas realizadas por Leonídio Ribeiro, o médico considerava as crianças pobres como se fossem “propensas ao crime” (Freitas, 2011). Portanto, o trabalho do autor tem foco justamente no combate à criminalidade infantil, sendo assim, as crianças “propensas ao crime” eram

estudadas na própria escola, com base no comportamento apresentado em sala de aula.

A ideia de Ribeiro era diminuir a criminalidade na cidade, “tratando” as crianças “propensas ao crime” e, para isso, a escola era considerada responsável por um papel de prevenção, mantendo os limites e boas maneiras em relação ao aluno-problema (termo que não era utilizado na época). O que chamamos hoje de aluno-problema, era considerado por Leonídio Ribeiro como um “futuro criminoso” e rotulado como uma “criança propensa” à criminalidade.

É importante salientar que o próprio governo, na época, tinha a mesma visão de Leonídio Ribeiro, e por esse motivo o médico tinha total apoio para a sua pesquisa. No trabalho realizado por Müller (2005), fica claro como a criança considerada “desviada” era tratada. A relação no passado entre a sociedade brasileira e os jovens “abandonados”, “delinquentes” ou internados pela própria família devido à pobreza, encontrava-se equacionada por um conjunto de leis, que de certa forma estabeleciam uma rede fictícia de proteção em torno das pessoas que se sentiam acuadas com a presença dos menores “delinquentes”. O principal desejo da sociedade no passado, em relação aos menores, era transformá-los em homens honestos e trabalhadores, integrando-os à vida social (Müller, 2005, p.2).

É importante analisarmos como a criança considerada “criminoso” era rotulada na época.

Considerando que os anormais, nas suas diferentes categorias ou tipos, podem se adaptar, na sua maioria, no meio social, desde que sejam submetidos a processos de educação adequados à sua deficiência física, sensorial ou psíquica, e atendendo a que a Constituição da República, a ser promulgada, torna obrigatório o ensino e assistência geral aos desvalidos e que esta será muito menos onerosa uma vez que se promova a conversão, pelo ensino, dos anormais em cidadãos úteis e capazes. (Dec. 24.794, de 14/07/34, apud Müller, 2005, pag. 2).

O decreto 24.794, de 14 de julho de 1934, determinava que as escolas 15 de Novembro, João Luiz Alves e do Instituto Sete de Setembro – instituições da cidade do Rio de Janeiro, até então Distrito Federal, anteriormente de responsabilidade do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, ficassem como responsabilidade do Ministério da Educação e Saúde Pública, pois, segundo o decreto, com a justiça

permanecendo “sobre os menores”, estigmatizava-os, o que de certa forma, interditava a inclusão dos menores à sociedade.

No decreto, assim como em diversos trabalhos da época, a criança problemática era considerada anormal, seja por conta de algum “ato criminoso” já realizado, ou ainda simplesmente por comportamentos fora do padrão nas escolas ou instituições relacionadas à infância.

A visão que o Governo tinha da criança problemática e o grande prestígio de Leonídio Ribeiro, proporcionaram a criação do LBI - Laboratório de Biologia Infantil, cujo objetivo era o “estudo e assistência aos menores anormais e delinquentes do Distrito Federal” (Müller, 2005, p.6).

Leonídio Ribeiro e sua equipe de médicos infantis começaram a fazer as pesquisas com crianças abandonadas e delinquentes em 1936. Daí em diante, alguns relatórios do LBI caracterizavam mais do que problemas relacionados à infância ou a alguma escola em questão. Tais relatórios diagnosticavam que as crianças tinham “doenças” e por este motivo eram consideradas “propensas ao crime” (Silva, 2011).

Os estudos realizados pelo LBI buscavam a homogeneidade em sala de aula. Retornamos para uma citação de Silva (2012) feita no início do presente trabalho, em que o autor defende que as regras e situações propiciadas pela escola, acabam gerando uma exclusão. Exatamente o que ocorrera na década de 1930.

Fazemos uso das palavras de Freitas (2011) para relatar com mais precisão os objetivos das pesquisas feitas por Leonídio Ribeiro.

Leonídio Ribeiro foi um defensor de estratégias de segregação e apresentou planos de ação imensamente desvalorizadores das camadas populares da cidade. Os sonhos desse homem que não foram realizados não o foram apenas por dificuldades orçamentárias e operacionais. Não houve interdito às violências que se apresentavam com roupas de ciência da regeneração (...) As propostas de Leonídio Ribeiro apresentavam “soluções” para muitos problemas relacionados à sala de aula. Em verdade, tais ideias respondiam sem meias palavras o que fazer com aqueles que atrapalhavam. Projetava com suas fórmulas para salvar a cidade dos efeitos da propensão ao crime a construção de “lugares apropriados” e “apartados” das escolas, planejados cientificamente para curar as “anormalidades” presentes nas “famílias desestruturadas” dos bairros que cresciam, no seu entender, desordenadamente. (Freitas, 2011, p.57)

A análise feita por Freitas (2011) é importantíssima, pois a partir disso, podemos verificar como as crianças consideradas problemáticas eram “tratadas” e quais os reais objetivos do trabalho de Leonídio Ribeiro e do Laboratório de Biologia infantil.

Ainda na década de 1930, outro trabalho muito mais preocupado com a educação e infância foi realizado. Refiro-me ao trabalho feito por Arthur Ramos, em esfera municipal na cidade do Rio de Janeiro. Anísio Teixeira, responsável pela Diretoria de Instrução Pública, abriu espaço para que Ramos inovasse nos estudos e ações sobre o comportamento da criança, especialmente a criança que apresentava problemas escolares (Freitas, 2011).

Ramos e sua equipe fizeram um estudo de caso que envolveu as crianças que não conseguiam se adequar às normas escolares e, assim, eram rotuladas, na época, como “crianças anormais”. Tal estudo deu origem ao livro *A criança-problema*, o que foi um novo marco nos estudos sobre as crianças problemáticas das camadas populares que ingressavam na escola pública, embora o livro não tratasse somente da criança pobre (Freitas, 2011). Os objetivos da pesquisa liderada por Ramos estão apresentados na introdução do livro *A criança problema*, em que o autor relata que as experiências nos exames dos alunos considerados difíceis mostraram que havia necessidade de mudar os dados da criança “anormal” da época, pois somente uma percentagem muito pequena dessas crianças eram realmente “anormais”, ou seja, crianças que em virtude de várias causas tivessem um desequilíbrio das funções neuropsíquicas e, assim, não poderiam ser educados no ambiente escolar comum. A grande maioria, porém, das crianças tidas como “anormais” não sofriam de nenhuma doença, na realidade eram crianças difíceis, “problemas”, vítimas de uma série de circunstâncias adversas impostas pela sociedade (Ramos, 1949, p.13).

Ramos foi o responsável pela elaboração do conceito de criança-problema, que substituía o conceito de “anormal” das crianças que tinham dificuldade em se adequar ao ambiente escolar, por problemas externos. (Garcia, 2006). Abordou o tema em vários aspectos. Estudou desde os alunos que tinham dificuldade em acompanhar o conteúdo proposto pelos educadores, apresentando grande defasagem na aprendizagem, até os alunos que tinham “problemas comportamentais”, conhecidos como indisciplinados. A essa última classe, dos alunos indisciplinados (nosso objetivo de pesquisa), o pesquisador forneceu uma

generosa contribuição com os estudos realizados por sua equipe. Capítulos do livro *A criança problema* trazem algumas entrevistas com os alunos considerados indisciplinados e em seguida, conclusões importantes do autor sobre tais situações.

Na visão de Ramos havia necessidade de estabelecer uma discriminação indispensável no grupo das “crianças turbulentas” das escolas. Num primeiro grupo, vem a turbulência que envolvia as condições mórbidas, em que eram incluídos os alunos considerados atrasados, portadores de síndromes ligadas a vários estados mórbidos, e os impulsivos. Num segundo grupo, considerava todas as outras formas de turbulência devido a condições afetivas e ambientais sem nenhum sinal de déficit ou distúrbio psíquico. Ao contrário dos outros autores envolvidos com o tema, que consideravam o primeiro grupo mais extenso, Ramos e sua equipe achavam que o segundo grupo constituía a grande maioria dos turbulentos da população escolar; grupo constituído de crianças que sofrem desgostos afetivos e morais, crianças abandonadas, crianças incompreendidas, que reagem na indisciplina e na turbulência. Neste grupo estão as crianças-problema, consideradas turbulentas, agressivas, desobedientes, desatentas (Ramos, 1949, p.221). O autor revela, com base em sua pesquisa, que a maioria dos “alunos turbulentos” sofre com a interferência dos fatores que ocorreram fora da escola, o que leva a criança a ser indisciplinada no ambiente escolar.

Nas pesquisas com os alunos problemáticos, o autor relata o ambiente em que a criança vivia as ocorrências escolares e uma entrevista com o aluno. Na maioria dos casos, a criança que era “turbulenta” apresentava problemas no ambiente familiar, logo identificados pelo pesquisador.

Compartilhamos uma anotação do livro *A criança-problema* que evidencia as causas de seu comportamento na escola:

Obs. 127 (Escola “Bárbara Ottoni”, ficha nº 319 do S.O.H.M) A.B.S., menino de 7 anos, cor branca. O pai, português, operário, muito irascível e brigão. Mãe falecida, há quatro anos, de tuberculose pulmonar. Irmão de 5 anos. Uma senhora, casada, sua madrinha, adotou a criança. Moram, os pais adotivos, em casa de bom aspecto, com acomodação para o menino; moram nove pessoas na casa. O marido da senhora que o adotou acha que se deve corrigir o menino a pancada. (...) Na escola, obedece com relutância; atormenta os colegas, chora facilmente, é tagarela, embirrente, mentiroso e destruidor. (...) Abril de 1937 – Na Escola, o menino é muito

irrequieto. Nos primeiros dias de aula chorava muito, não querendo ficar na Escola. Depois, negou-se a fazer qualquer trabalho. Maltratava os companheiros, gostando de dar pancadas (...) vive correndo e gritando pelos corredores. Não gosta das professoras. (Ramos, 1949, p.232)

Após a análise inicial, Ramos fez uma entrevista com o aluno, a fim de entender o que levava a criança a ter atitudes de indisciplina na escola:

“30 de Abril – A... apertou o pescoço de um colega. Perguntei-lhe”:
 “- Gostaria que fizessem o mesmo com você?” “Gosto sim, gosto de apanhar”. “- Você costuma apanhar? Quem dá em você?” “- É minha tia; eu faço travessuras, e ela me bate” “- Que faz você?” “- tiro frutas, molho os pés nágua, pra ficar doente” “- Porque quer ficar doente?” “- Porque fico deitado e não vou à Escola” “- Então você não gosta da escola?” “- Eu gosto, mas gosto de ficar doente”. (Ramos, 1949, p.232)

Após alguns dias, foi feita uma nova análise sobre o comportamento do garoto:

Maio – A... continua irritável e turbulento. Muito desasseiado, traz as vestes sempre em desalinho. Vive a rabiscar papéis; não quer copiar o trabalho passado. Na biblioteca, faz distúrbios. Não para um segundo.” “Junho – A... teme alguém de casa. Quando a criada vem buscá-lo, o menino fica aflito, e receiando alguma queixa, adianta-se perguntando a diretora: “- Eu não fiquei bonzinho?” Quando é admoestado pelo seu mau procedimento, fica amedrontado e promete tornar-se bom . (Ramos, 1949, p.232-3)

Em seguida, Ramos relata uma ação que ajudou a melhorar o comportamento e desempenho da criança na escola:

Julho – A professora de jogos conseguiu atrair A, que aderiu ao grupo espontaneamente. Assim estimulado, ele melhorou um pouco. Iniciou o tratamento específico, recomendado pelo Serviço...(Ramos, 1949, p.233)

A ficha é concluída da seguinte forma:

Trata-se de um caso de sado-masochismo infantil, de uma criança abandonada afetivamente, órfã de mãe, recebida num lar estranho, e com reações bi-polares de tristeza e agressão, de medo e turbulência, de covardia e vingança... (Ramos, 1949, p.233)

Na ficha sobre o garoto considerado problemático, Ramos buscou descobrir quais eram os motivos que levavam a criança a ser “turbulenta”, analisando a vida domiciliar do aluno. Encontrou então, possíveis causas para o problema. A criança é órfã, perdeu a mãe muito cedo e não tem convivência com o pai. Mora em um lar considerado estranho e é educada apanhando quando “apronta”. Os problemas

familiares como, por exemplo: violência, alcoolismo, desemprego, perda dos pais, contidos nas muitas fichas da pesquisa liderada por Ramos, permitem uma análise muito mais detalhada e generosa sobre a palavra “anormal”. Podemos perceber então, que a palavra anormal não estava vinculada somente a problemas de aprendizagem escolar, ou então, simplesmente ao fato do aluno não se adequar ao comportamento esperado pela escola, mas principalmente a problemas que envolviam a vida particular da criança.

A atuação de Arthur Ramos no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental findou-se em 1939, e sua pesquisa foi fundamental para a explicação do conceito de “normal” e “anormal” com relação à criança-problema (Freitas, 2011).

Os trabalhos realizados pelo CBPE - Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, fundado em 1956 no Rio de Janeiro, e de suas seções Regionais (CRPEs), nas capitais dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul também foram de fundamental importância na educação em relação ao aluno-problema. Os exemplos e situações evidenciadas pelos centros de pesquisas educacionais nos permitem analisar os sentidos das palavras que caracterizavam alunos considerados inadequados para a homogeneidade da sala de aula. O CBPE e os CRPEs patrocinaram estudos de casos com diversos pesquisadores, voltados para as interações e conflitos entre escola e comunidade (Freitas, 2011). Podemos destacar quatro temas que se mostram decorrentes dos estudos realizados por pesquisadores da instituição. São eles: Educação e Ciências Sociais, Desenvolvimento Sócio-Econômico, Mudança Cultural e Educação (Ferreira, 2001).

Assim como o trabalho liderado por Ramos na década de 1930, os estudos dos centros de pesquisas educacionais foram iniciados com o aval de Anísio Teixeira. O centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (CRPE/SP), que iniciou suas pesquisas em 1956, foi parte de um projeto de Anísio Teixeira que pretendia fazer com que as atividades educacionais alcançassem condições científicas, através da colaboração das ciências sociais. Segundo Teixeira, as práticas educacionais poderiam dar origem aos problemas investigados pelas ciências sociais. (Ferreira, 2001, p.11)

O trabalho de Ferreira (2001) sobre o Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo mostra que os objetivos das pesquisas envolviam o tema educação/sociedade. Buscavam identificar e apontar soluções para os problemas sociais em regiões consideradas pobres e principalmente, com déficits educacionais.

Os projetos do CBPE ajudaram nos estudos sobre o relacionamento entre escola/comunidade. Entre 1930 e 1957 a rede escolar primária se expandiu consideravelmente e, portanto, no início da década de 1960, se discutia com intensidade os problemas da incorporação de “todas as crianças” no ambiente escolar. Circulava na imprensa de grandes cidades a manifestação daqueles que denunciavam “os erros da expansão”, que não levava em consideração as dificuldades de adaptação por parte de crianças pobres em relação à dinâmica escolar (Freitas, 2011, p.72). Os pesquisadores dos centros de pesquisas educacionais davam início a trabalhos de grande valor em relação à escola pública. Tais trabalhos eram de esfera social e ao mesmo tempo educacional, tendo em vista que estudavam a inserção da família pobre nas escolas públicas. Os alunos considerados problemáticos eram estudados de forma particular, seguindo o conceito de criança-problema criado por Ramos décadas antes, porém, em alguns casos, com o mesmo “olhar de anormalidade” proposto pelo trabalho Ribeiro.

Muitos projetos identificaram entre professores argumentos que classificam o aluno pobre como um problema particular da escola pública, uma espécie de “doença congênita” da expansão [...] A casa pobre era representada como ambiente propício para acumular problemas de toda ordem e, no entender de muitos, esse acúmulo de problemas era o grande responsável pela evasão escolar. (Freitas, 2011, p.73).

As pesquisas do CBPE e dos CRPEs apontavam que os problemas relacionados à criança-problema eram gerados por dificuldades sociais. Os trabalhos dos centros educacionais foram fundamentais na discussão do tema escolarização do aluno-problema, principalmente quando se tratava de crianças de famílias que moravam em regiões periféricas das grandes cidades. Conclusões das pesquisas do CBPE e dos CRPEs apontavam processos de desqualificação do aluno-problema e identificavam certa “exclusão” quando se diz respeito às crianças portadoras de uma heterogeneidade prejudicial à escola. Processos esses, discutidos até os dias de hoje.

2.3. A escola do aluno-problema

Devemos, é claro, questionar o papel da escola com relação ao aluno-problema. Se aceitarmos ao se tratar de um “aluno-problema”, que o mau comportamento do próprio estudante seja a única causa do mal-estar na relação aluno/escola, se aceitarmos que o estudante é o único “culpado”, estaremos então concluindo que a estrutura escolar é perfeita e que se algo mais der errado nesta relação, a escola não terá responsabilidade alguma. Será a escola uma instituição perfeita? Está ela preparada para as diferenças e os confrontos sociais? Para Freitas (2011), projetamos imagens da escola como instituição pronta desde todo o sempre, “evoluindo” na constante troca de conhecimento do mundo social. Temos muita dificuldade em perceber que a escola é preparada para uniformidade e não para as “diferenças” entre os alunos, ou seja, projeta-se educação para alunos ideais, não para aluno-problema. Não se pode descartar que a “culpa” por comportamentos fora dos padrões seja da própria escola. Não se pode descartar que há algo de errado na estruturação de um ambiente escolar. Esperamos que um aluno não tenha problemas comportamentais? Na realidade, quando se fala em educação, procura-se restringir a função apenas em relação à transmissão de conhecimento, a orientações sobre conteúdos do currículo, etc. Mas como pensar, por exemplo, que em uma escola com 800 alunos, não haja nenhum estudante com dificuldades de se adaptar às regras impostas pela instituição escolar ou pela própria sociedade?

Quando falamos de respeito entre aluno/professor, estamos tratando mesmo de respeito e valorização do profissional ou esperamos um pensamento hierárquico, em que a escola manda e o aluno obedece? Não é só dever dos pais educar os filhos quanto à valorização de um profissional, quanto ao convívio com outras pessoas, quanto a pequenos valores que devem ser empregados no cotidiano. Afinal é nossa obrigação (profissionais da educação) fazer valer o artigo 205 da Constituição de 1998: “Educação é um direito de todos e um dever do Estado e da família”.

Aquino (1998) possui uma visão privilegiada sobre a função da escola com relação ao aluno-problema, sobre como podemos proceder com uma situação adversa em nosso trabalho docente:

Na verdade, os tais “alunos-problema” podem ser tomados como ocasião privilegiada para que a ação docente se afirme, e que se

possa alcançar uma possível excelência profissional. O que se busca, no caso de um exercício profissional de qualidade, é uma situação problema, para que se possa, na medida do possível, equacioná-la, suplantá-la – o que se oportuniza a partir das demandas “difíceis” da clientela. (Aquino 1998, p.2)

Podemos aceitar as afirmações de Aquino (1998) como uma resposta parcial de algumas questões levantadas neste trabalho sobre as responsabilidades da escola em relação ao comportamento do aluno-problema. Precisamos entender o problema para que possamos superá-lo, e assim, apresentarmos qualidade no que se diz respeito à prática docente.

Para entendermos problema, pensamos que a melhor forma é realizando entrevistas com o próprio aluno rotulado como aluno-problema. A seguir apresentamos a metodologia utilizada para realizarmos essas entrevistas.

3 METODOLOGIA

Após o processo de caracterização do aluno-problema, pensamos que uma pesquisa de forma direta com o aluno era a melhor maneira de trabalharmos o assunto em questão. Com base nos estudos como o de Ramos (1949) e do CBPE, decidimos realizar uma pesquisa qualitativa, movida por entrevistas com o próprio aluno rotulado como problemático, com o objetivo de descobrir e compreender mais rapidamente as causas de tal rótulo e descobriremos qual é o pensamento do aluno-problema em relação a sua vida escola.

Escolhemos uma escola estadual, localizada na cidade de Barueri-SP para realizarmos a pesquisa, pois é um local de fácil acesso e a escola é conhecida por problemas ligados à indisciplina por alguns professores com quem temos contato.

Como parte do projeto, foram feitas entrevistas com 7 professores da escola, para que pudéssemos selecionar aproximadamente 5 alunos rotulados como aluno-problema. Tais entrevistas foram feitas via questionário, contidas no anexo B deste trabalho. Além dos formulários, também analisamos as ocorrências escolares fornecidas pela coordenação da escola. Após este processo, foram iniciadas entrevistas individuais com os alunos rotulados como aluno-problema. Esses alunos têm de 15 a 18 anos e são estudantes do 1º ano do ensino médio regular.

As questões contidas no questionário respondido pelos professores são as seguintes:

- como você caracteriza um aluno rotulado como aluno-problema?;
- indique o(s) aluno(s) que você considera aluno-problema;
- em sua opinião, quais motivos levam um aluno a se tornar um aluno-problema?.

Fizemos as entrevistas com os alunos, com as questões a seguir:

- qual o seu nome? Qual sua série? Idade? ;
- qual a importância da escola para você? E para a sua vida?;

- você gosta da escola? O que você mais gosta de fazer na escola?;
- fale sobre as aulas. De quais disciplinas você mais gosta? De quais você não gosta?;
- qual a sua relação com os professores? Colegas? E funcionários da escola?;
- o que você pensa sobre um “bom aluno”? Você se considera um bom aluno? Por quê?;
- sua vida fora da escola influencia o aluno que você é aqui na escola?;
- fale um pouco sobre sua rotina diária.

As entrevistas com os alunos foram semiestruturadas podendo ocorrer inversão na ordem das perguntas. Ao convidar o aluno para participar da pesquisa, desde o início deixamos claro que o nome do aluno seria trocado por um pseudônimo.

Todas as entrevistas com os alunos foram gravadas em áudio e suas transcrições estão disponibilizadas no anexo A

Para que pudéssemos realizar a pesquisa com os professores e alunos, submetemos o nosso projeto para análise do comitê de ética, sendo o CAAE: 14376913.0.0000.5473. Após a aprovação do projeto, iniciamos as entrevistas somente após cada indivíduo concordar com o trabalho e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido, disponibilizado no anexo C deste trabalho.

3.1. Metodologia de análise de dados

As entrevistas com professores (via formulário) foram analisadas levando em consideração os alunos que são citados o maior número de vezes. Em seguida, estudamos as ocorrências escolares, a fim de identificarmos os motivos (atitudes do aluno) do rótulo aluno-problema. Como sequência, selecionamos 5 alunos para que pudéssemos realizar as entrevistas, com base nos formulários respondidos pelos professores e, o número de ocorrências escolares registradas.

Analizamos as entrevistas com os alunos com base nos trabalhos de La Taille, principalmente nas obras: *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas* (2002); *Limites três dimensões educacionais* (2000) e *Uma interpretação psicológica dos “limites” do domínio moral: os sentidos da restrição e da superação* (2006). Analisaremos qual é a visão do aluno em relação às regras impostas pela escola.

3.2. Moral e ética segundo La Taille

Levamos em consideração os conceitos de moral e ética defendidos por La Taille para que pudéssemos analisar as entrevistas realizadas com os alunos da escola estadual em que a pesquisa foi feita. Primeiramente apresentaremos a definição de cada termo segundo o autor. Segundo La Taille a indagação moral corresponde à pergunta: “como devo agir?”. E à reflexão ética cabe responder à outra: “que vida eu quero viver?”. (2006, pág. 19). Com base nessas definições, conseguimos analisar e discutir as questões que envolvem rotineiramente o aluno-problema, tais como: desrespeito com os funcionários da escola e o fato de não respeitarem as regras que lhes são propostas. Conseguimos, com base nesses conceitos, analisar a “falta de limites” dos alunos rotulados como problemáticos. A definição de “limite” defendido por La Taille em uma visão de moralidade foi de fundamental importância:

Expressões como “os alunos não têm limites”, “é preciso impor limites”, ou ainda, “há limites que devem ser respeitados”, remetem à ordem da obrigação, da proibição, da restrição de liberdade. Em termos morais, remetem à questão do dever. O dever moral traduz-se por afirmações como tal coisa não pode ser realizada (dever negativo: por exemplo, não se pode matar) ou tal coisa não pode não ser feita (dever positivo: por exemplo, não se pode deixar de ajudar alguém em perigo de vida). Os deveres negativos, ou seja, aqueles que traduzem uma proibição relativa a uma ação, são os mais frequentes, e implicam clara restrição de liberdade (La Taille, 2002, pág. 25)

O limite no sentido de restrição é o mais presente no ambiente escolar e, notamos que é evidenciado principalmente ao se tratar de alunos-problema. Existe no ambiente escolar atual, uma queixa moral a respeito da “falta de limites” dos alunos (La Taille, 2002). Analizamos o que os alunos pensam em relação aos limites de restrição que lhes foram impostos pela escola com o objetivo de notarmos se esses alunos entendem o motivo de tais restrições. Segundo o autor: “não há sociedade

que não limite a liberdade de seus membros, que não lhes coloque certas proibições, certas obrigações, logo, certo deveres.” (La Taille, 2002, pág. 25). Nessa linha de pensamento, precisávamos descobrir se os alunos entendem os motivos pelos quais tais limites são necessários. Para isso, foi imperioso voltarmos aos conceitos de moral e ética defendidos pelo autor, para justificarmos o pensamento do aluno em relação à escola.

3.3. Caracterização da escola

Este trabalho foi iniciado em fevereiro de 2013 em uma escola estadual, localizada na cidade de Barueri-SP. Uma escola que recebe em sua maioria alunos do próprio bairro. Possui apenas sete salas no período da tarde, horário em que fomos fazer as observações iniciais, todas ocupadas por primeiros anos do ensino médio regular. A primeira impressão foi de uma escola organizada e empenhada em fazer o melhor para a comunidade. Com a maioria de seus professores efetivos, tem uma organizada distribuição de aulas para os docentes. Fisicamente suporta a quantidade de estudantes até com certa facilidade. A unidade dispõe de uma biblioteca com bom acervo de livros, salas de aula organizadas, quadra de esportes em ótimo estado e um laboratório de informática disponível para o uso de professores e estudantes. O material dos alunos foi distribuído logo no primeiro dia letivo, com exceção das apostilas dos alunos, fornecidas pelo Estado de São Paulo, que não chegou a tempo dos primeiros dias de aula.

Após uma semana de observação, conseguimos identificar no mínimo dez alunos que geraram dificuldade por motivos disciplinares na aula de alguns docentes. Na sala dos professores, conversas direcionavam e atraíam a nossa pesquisa para determinados adolescentes.

Os alunos foram indicados por professores da escola e a seleção foi feita também com base nas ocorrências escolares para que pudéssemos realizar as entrevistas.

Traremos a seguir, toda a pesquisa realizada na escola: entrevistas, comentários e resultados obtidos.

4 A PESQUISA

Primeiramente, fizemos uma reunião com os professores selecionados para a pesquisa para apresentarmos o projeto. Com todos os professores presentes, apresentamos as propostas e a metodologia do trabalho. Após alguns minutos, a maioria dos professores começou uma discussão sobre o aluno-problema, mesmo não sendo esse o objetivo da reunião. Discutiam como o aluno-problema influenciava negativamente nas aulas, como era prejudicial à turma e também ao próprio trabalho docente. Notamos que nenhum professor discutia a questão do aluno-problema ser caracterizado por dificuldades no aprendizado, ou ainda por excesso de faltas. Todos os professores discutiam como se fosse lógico o fato do aluno-problema ser o “indisciplinado”, o “desrespeitador”. Em cinco minutos de discussão, havia uma professora chorando que dizia: “estou no meu limite, não aguento mais nada”. Após algumas interrupções e desabafos, conseguimos apresentar o projeto.

Encerrada a reunião, todos os 7 professores aceitaram participar da pesquisa. Em alguns dias, tínhamos em mãos os questionários respondidos. As respostas da primeira questão evidenciam o pensamento sobre o que é um aluno-problema na visão docente da escola. Na questão: Como você caracteriza um aluno rotulado como aluno-problema?, obtivemos respostas muito parecidas, quase sempre com relação à indisciplina ou ao desrespeito dos alunos em relação aos professores. Uma das professoras caracterizou o aluno-problema como:

Agressivo, discute por qualquer motivo, incentiva os outros alunos a fazerem bagunça e não fazerem as atividades. Falta com respeito constantemente. Não segue normas e nem regras.

Outra professora, com a mesma linha de pensamento, respondeu à questão da seguinte forma:

O que atrapalha o desenvolvimento da aula com comportamento inadequado, exemplo: cantar, batucar, dançar, manusear o celular, conversar alto e falando palavrões, enquanto o professor tenta explicar. Prende a atenção dos demais alunos.

O que podemos notar é que os professores estão completamente insatisfeitos com o comportamento de vários alunos. Tão insatisfeitos, que ao falar do aluno-problema, não se tem outras caracterizações que não o “indisciplinado”, o “desrespeitador”.

Na questão “na sua opinião, quais motivos levam um aluno a se tornar um aluno-problema?” os professores também seguiram uma mesma linha de pensamento, que é a estrutura e influência do ambiente familiar em relação à escola e o uso de drogas os principais motivos de indisciplina dos alunos. Uma das professoras, respondeu o seguinte:

Problemas pessoais geralmente, falta de estrutura familiar, pai presidiário, mãe que abandona, pais que não têm mais controle sobre os filhos. Muitos sofrem represálias em casa e descontam nos outros. Pais rígidos demais, filhos usando a escola como válvula de escape. Alguns não querem estudar, mas os pais obrigam ou por não quererem os filhos em casa ou por causa do bolsa família. Uso de drogas.

A professora que fez o relato acima enfatizou os problemas familiares como causa da indisciplina dos alunos e foi além, acusou os pais de manterem os filhos na escola somente por conta do dinheiro recebido do governo.

Outra professora, respondeu com outras palavras, mas com o mesmo significado:

Temos muitas respostas para os motivos que levam um aluno a ter este rótulo. Questões fraternais, por exemplo, onde encontramos pais ausentes e famílias desestruturadas. Drogas também podem resumir este fator.

Após a análise dos dados obtidos por meio dos questionários respondidos pelos professores, selecionamos os alunos que cujos nomes são recorrentes nesses questionários para que pudéssemos analisar as ocorrências escolares e, assim, selecionar os alunos para serem convidados a participar da pesquisa.

As ocorrências de todos os alunos da escola são anotadas em um único caderno. Quando um aluno é encaminhado à direção, é necessária a apresentação de um relatório do professor, explicando o problema que aconteceu em sala de aula.

Após analisarmos as ocorrências dos alunos indicados e os relatórios contidos no caderno de ocorrências, selecionamos 5 alunos para participar da pesquisa. Na

mesma semana, conversamos com os alunos e apresentamos o projeto e, felizmente, todos os alunos selecionados para o trabalho aceitaram conceder as entrevistas.

Trazemos a seguir as partes que consideramos mais importantes, das ocorrências e das entrevistas realizadas com 5 alunos-problema da escola estadual em que fizemos a pesquisa.

4.1. Aluno A

Série: 1º ano do ensino médio

Período: Tarde

Idade: 15 anos

Segundo os relatos dos professores nas ocorrências registradas, o aluno A é desrespeitoso e agressivo. Sai da sala de aula sem autorização, não respeita horários de entrada na escola. Grita com os colegas e professores. Não aceita ser contrariado. Não faz as atividades e não fica sentado no lugar estipulado.

Abaixo, uma das ocorrências do aluno, que evidencia a dificuldade que o aluno tem em respeitar as regras impostas pela escola:

Data: 05/02/2013

Fica advertido o aluno A, 1ºE, por fazer sinais com os dedos, saindo dos olhos, dando a entender que “está de olho no professor” de matemática.

Foi orientado em relação às normas da escola e está ciente que na reincidência será suspenso. (Livro de ocorrências da escola).

O problema acima foi, inclusive, o primeiro relato no livro de ocorrências em 2013. Alguns dias depois, o aluno A continuou a dar problemas disciplinares, chegando ao ponto de ser suspenso, como registrado na ocorrência abaixo:

Data: 21/02/2013

Fica suspenso o aluno A, 1ºE, por desrespeito à professora de Física. O aluno apresenta comportamento inadequado e vários professores estão reclamando. O próprio aluno sugere

que mudemos o mesmo de sala, pois só se “mete” em confusão por conta de um colega de classe. Os responsáveis serão convocados. (Livro de ocorrências da escola)

Como o aluno A não melhorou, a coordenação o mudou de sala, porém os problemas de indisciplina continuaram acontecendo. Como consequência, outras ocorrências foram registradas, incluindo uma segunda suspensão, dessa vez por agressão a uma colega de classe. Segue:

Data: 08/03/2013

“Fica suspenso por um dia, a saber, dia 08/03, o aluno A, 1ºB, por agredir fisicamente um colega de classe. O motivo da agressão foi uma caneta. O aluno vem dando problemas disciplinares, já foi mudado de classe e permanece o problema. Os responsáveis serão convocados por escrito”. (Livro de ocorrências da escola)

Outras ocorrências relatam desrespeito a professores e atrasos na entrada em sala durante a troca de aula. Durante algumas observações informais na escola, notamos que o aluno fica fora da sala de aula muitas vezes e, vimos o aluno A gritando com a inspetora quando ela solicitou que ele entrasse em sala de aula.

Em conversa com o aluno A, ele aceitou prontamente conceder-nos a entrevista e, com ela, conseguimos verificar alguns pontos importantes sobre o que ele pensa da sua vida escolar e quais os seus objetivos em relação à escola.

Entrevista

Durante toda a entrevista o aluno A compartilhou de opiniões contraditórias sobre o tema abordado. Contradição evidenciada logo nas duas primeiras perguntas:

Qual a importância da escola para você? Para a sua vida?

- Serve pra eu ter um futuro melhor, um emprego bom. É necessária pra eu ter um bom emprego.

Você gosta da escola? O que você mais gosta de fazer na escola?

- Bagunçar, ver as meninas e fazer algumas atividades.

Com essas duas respostas que podemos considerar contraditórias, notamos que o aluno tem conhecimento que o seu futuro pode ser influenciado pelo seu desempenho escolar, porém logo depois, deixa claro que não se empenha o quanto

deveria, não vai à escola com o objetivo aprender, não usa a escola como uma busca contínua de conhecimento. Quando o aluno A responde a segunda pergunta com a frase: “Bagunçar, ver as meninas e fazer algumas atividades”, percebemos que não há uso de reflexão moral e ética por parte do aluno. Segundo La Taille (2006, p. 19) “a indagação moral corresponde à pergunta: como devo agir? E à reflexão ética cabe responder à outra: que vida eu quero viver?”. É claro que nesse caso, as duas reflexões, moral e ética, estão interligadas. Ao deixar claro que em sua opinião a escola é necessária para obter sucesso na vida profissional (que vida quero levar?), o aluno deveria analisar as suas ações (como devo agir?) para usufruir do que a escola tem a lhe oferecer de melhor. O que, na realidade, não acontece.

Outro trecho que consideramos importante da entrevista é o momento em que conversamos sobre as regras impostas pela escola e que conseqüentemente os alunos têm que respeitar. Abaixo uma pequena parte da entrevista:

Como é a sua relação com os funcionários da escola?

- No começo eu xingava todo mundo.

Por quê?

- Porque eles queriam mandar em mim e eu não gosto de ser mandado por ninguém.

Queriam falar o que pode e o que não pode.

E aí você xingava eles?

- Aí eu xingava eles.

Nas ocorrências escolares, há relatos de professores alegando que o aluno não aceita quando os funcionários tentam orientá-lo quanto às atitudes de indisciplina.

Segundo La Taille (2002, p. 25) “Os deveres negativos, ou seja, aqueles que traduzem uma proibição relativa a uma ação são os mais frequentes, e implicam clara restrição de liberdade”.

Notamos que o aluno A não sabe como agir em relação aos seus deveres que tem como aluno e aos deveres básicos para uma boa convivência na escola. Logo, em

situações simples, como por exemplo, quando o aluno A está fora da sala em horário de aula e algum funcionário solicita que ele entre, há conflito entre aluno e funcionários da escola, gerando um mal estar na relação entre aluno/escola.

Com relação às atitudes dos funcionários da escola, o que você acha que seria o certo a se fazer?

- Não mandar nos alunos porque os outros não gostam. Você quer ir ao banheiro e ninguém quer deixar. Qualquer coisa, suspensão ou chama os pais. Aí eu já não gosto.

O observado, é que o aluno, em nenhum momento fala sobre o motivo de ter regras na escola. Simplesmente não concorda com o fato de existirem regras. Fato que pode ser relevante. É aceitável que alguém não concorde com alguma regra imposta pela escola, ou pela sociedade como um todo, desde que ela saiba o motivo da existência daquela regra, ou então, saiba argumentar o motivo de uma possível “exclusão” da regra em questão. Não há sociedade que conviva sem o uso de regras. Não há dúvidas de que o cumprimento dos deveres, neste caso escolares, é de fundamental importância para uma boa relação aluno/escola.

4.2. Aluno B

Série: 1º ano do ensino médio

Período: Tarde

Idade: 16 anos

Segundo os as ocorrências registradas, o aluno B é desrespeitador. Não aceita ser contrariado e, em qualquer conversa, levanta o tom de voz com professores e funcionários da escola. Não faz a maioria das atividades propostas em sala de aula.

Seguem algumas ocorrências do aluno B, que consideramos de maior relevância. Logo no primeiro mês de aula o aluno já foi encaminhado à direção por desrespeitar o professor e os outros funcionários da escola:

Data: 21/02/2013

O aluno B do 1º B atrapalhou a aula, desacata professor, coordenador, vice, ou seja, todos que tentam conversar com ele.

O aluno se altera a todo o momento, levanta a voz, faz piada com tudo que lhe é dito. O aluno fica advertido até o momento e será convocado o responsável para comparecer na U.E. (Livro de ocorrências da escola)

Mesmo com o comparecimento dos pais, o aluno B não melhorou o seu comportamento. No mês de abril, nova ocorrência por desrespeito e o aluno B foi suspenso até o comparecimento dos pais.

Data: 01/04/2013

Fica suspenso, até o comparecimento de um responsável, o aluno B, 1ºB, por desrespeitar a professora de Língua portuguesa. O responsável será convocado para conversar com a professora. (Livro de ocorrências da escola)

No mesmo mês, o nome do aluno B voltou a frequentar o livro de ocorrência da escola. Na ocorrência, o responsável pela direção deixou claro que se o problema ocorrer novamente, os pais serão chamados novamente.

Data: 23/04/2013

Os alunos ficam advertidos por brincadeiras em sala de aula e com isso uma cadeira ficou quebrada. Os alunos são: Aluno B, (...) Ficam cientes que na recorrência serão convocados os pais. (Livro de ocorrências da escola)

Conversamos com o aluno B e ele aceitou nos conceder uma entrevista. A seguir, trechos da nossa conversa que consideramos importante em relação ao pensamento do aluno sobre a sua vida escolar.

O aluno B, respondendo às primeiras perguntas da entrevista, relata que a escola é importante para a sua vida profissional e, conseqüentemente, para a sua vida pessoal. Segue um trecho da entrevista:

Qual é a importância da escola pra você? Pra sua vida?

- É que, tipo, a gente precisa estudar pra ser alguém na vida. Com estudo a gente vai ter conhecimento pra tipo, no futuro a gente arrumar um emprego bom e sustentar a nossa família, nossos filhos, dar o bom e o melhor para os nossos filhos. Eu vou poder ser alguém na minha vida. Alguém vai chegar e perguntar: Quem é o Aluno B? E eu vou poder falar... Tipo, sem estudo você não vai saber fazer as coisas, não vai saber fazer nada e a pessoa não vai te conhecer, não vai saber quem você é.

Em seguida, conversamos sobre as principais dificuldades na relação do aluno com a escola. O aluno nos informou o motivo pelo qual não faz as atividades em sala de aula, o que, a exemplo do aluno A chega a ser contraditório em relação à opinião sobre a “importância da escola” em sua vida.

Qual disciplina você gosta mais?

- *Química, matemática e português.*

E quais você não gosta?

- *Todas as outras*

E por qual motivo?

- *Por causa dos professores. Tipo assim, um professor entra na sala, eu entendo que na aula anterior ele foi mal e ficou estressado, eu entendo isso, mas tipo, eu acho que o professor cada aula que ele entra numa sala diferente, ele devia se apresentar de forma original, como se ele tivesse que esquecer o que aconteceu antes. Os professores das aulas que eu não gosto, eles não fazem isso, eles entram já com aquele clima pesado, já com aquela ignorância, aí eu não gosto, não me dou bem.*

E qual a sua relação com os professores?

- *Ruim, muito ruim.*

O que notamos é que o aluno B não aceita ser contrariado. Quando se impõe que ele deve fazer alguma coisa, expressa um comportamento contrário ao esperado pela escola. Voltamos então à questão da reflexão moral e ética. A reflexão moral corresponde à pergunta “como devo agir?” E à reflexão ética cabe responder à outra: “que vida eu quero viver?”. (La Taille, 2006, pág. 19). Nota-se que o aluno “sabe” que vida ele quer viver, sabe da importância que a escola tem em sua vida profissional e pessoal, mas não age de forma que valorize a oportunidade que tem de tornar isso uma realidade. Essa relação entre moral e ética é fundamental com relação às atitudes do aluno em relação à escola. O aluno B relatou que não gosta da atitude dos professores e por esse motivo não faz as atividades propostas. Não deixa de ser um dever realizar as atividades e sala de aula, caso contrário, o aluno certamente será reprovado na disciplina em questão. Segundo La Taille

Do ponto de vista cultural, não há dúvida de que a exigência colocada aos indivíduos de agir segundo certas leis é uma realidade universal. Existirá algum grupo humano sem a imposição de deveres? Certamente, não. (2006, pág. 19)

O fato do aluno não gostar de um determinado professor, ou das atitudes dele, não justifica o não cumprimento de seus deveres. Logo, a questão “como devo agir?” não é questionada pelo aluno para que a sua resposta também tenha participação na resposta para a pergunta “que vida quero viver”. Podemos concluir, que a resposta do aluno que escola é importante para a sua vida profissional e pessoal, passa a ter menos relevância à medida de que ele não leva em consideração que deve se esforçar para aprender e desenvolver os conhecimentos necessários para que a escola seja realmente importante, independentemente do “gostar do professor e de suas atitudes”. Mas vale a pena chamar a atenção para a atitude do professor relatada pelo aluno B, retomando a fala de Silva (2012) em que o autor enfatiza que as atitudes com os alunos “desviados”, podem produzir o desvio. Neste caso, a atitude do professor em relação ao aluno considerado problemático, pode causar um comportamento ainda pior desse aluno.

4.3. Aluno C

Série: 1º ano do ensino médio.

Período: Tarde.

Idade: 15 anos.

Segundo as ocorrências registradas, o aluno C não faz as atividades, atrapalha as aulas com conversas, demora muito para entrar em sala na troca de aula e usa o fone de ouvido a todo o momento.

A seguir, algumas das ocorrências registradas desde o início do ano letivo de 2013 sobre o aluno C.

Logo no primeiro mês de aula, há registro de problemas disciplinares do aluno C.

Data: 26/02/2013

Ficam advertidos os alunos C, (...) por atrapalhar a aula de física. Houve uma confusão por brincadeira boba por conta de uma bolacha. Estão cientes que na reincidência serão suspensos. (Livro de ocorrências da escola)

Em seguida, outra ocorrência foi registrada. Na primeira ocorrência, o aluno foi informado de que seria suspenso caso houvesse outro problema. A mãe do aluno foi convocada, porém não houve suspensão.

Data: 05/03/2013

Compareceu a escola a mãe do aluno C, 1ºD, para resolver um problema de indisciplina de seu filho durante a aula da professora de língua portuguesa. Segundo a professora, o aluno juntamente com um grupo, tumultuou a sua aula, não permitindo com um “coro” de muitas vozes.

A mãe e o aluno, que estava presente, foram conscientizados na necessidade de estudar e não atrapalhar as aulas.

Ficaram cientes que por conta dos inúmeros problemas, na reincidência será suspenso.

Durante nossa conversa, o aluno não demonstrou interesse em melhorar. (Livro de ocorrências da escola)

Novamente houve um aviso da direção, porém o aluno não foi suspenso, mesmo tendo outras ocorrências.

Em conversa com o aluno C, ele aceitou participar da pesquisa nos concedendo a entrevista. Notamos que assim como os alunos anteriormente entrevistados, o aluno C também apresenta respostas contraditórias, porém, diferentemente dos outros dois alunos, o próprio aluno C reconhece que a sua postura não é adequada em relação ao pensamento que tem sobre a importância da escola.

Entrevista

Qual importância da escola pra você?

- A importância da escola pra mim é que, se eu for bem na escola e tal, eu vou ter um futuro melhor e é importante eu me dedicar aos meus estudos pra ter um futuro melhor.

Então a escola é importante pra tua vida?

- É importante, mas nem sempre eu valorizo a escola.

Por quê?

- Sei lá, às vezes eu vou pela cabeça dos outros, começo a bagunçar. Tem vez que eu não faço porque eu não sei.

Em seguida, conversamos novamente sobre o motivo do aluno C não agir de modo que ele realmente faça com que a escola seja importante em sua vida, ou seja, valorizar o que a escola pode lhe oferecer.

Qual é a sua rotina na escola?

- Tem algumas aulas que eu bagunço e algumas aulas que eu estudo

E por que você bagunça em algumas aulas e estuda em outras?

- Tem vezes que eu bagunço e porque meus amigos bagunçam e eu “idiota” vou pela cabeça dos outros e bagunço também. E tem algumas coisas que assim, eu gosto das aulas, eu presto atenção e tal.

O que é um bom aluno pra você?

- Em primeiro lugar, um bom aluno tem que respeitar. Tem que ser obediente com o professor, respeitar, não xingar e fazer todas as atividades.

Você se considera um bom aluno?

- Não

Por qual motivo?

- Porque nem sempre eu faço lição e nem sempre eu obedeço.

Nas primeiras perguntas você disse que escola é importante, agora você disse que nem sempre faz lição. Por quê?

- Porque eu não dou valor a isso. É importante, mas eu não valorizo.

Notamos que o aluno conhece os seus deveres, porém não os cumpre. Segundo La Taille (2006) não há grupo humano que não tenha suas regras e seus deveres. O fato de o aluno C conhecer os seus deveres, saber quais atitudes devem ou não devem ser tomadas, não garante que ele cumpra os seus deveres. Novamente,

voltamos à indagação inicial de moral: “Como devo agir?”. Ao responder a última pergunta com a frase: “Porque eu não dou valor a isso. É importante, mas eu não valorizo”, o aluno C mostra uma frágil noção de seus deveres. La Taille defende que “a exigência social do cumprimento do dever corresponde à forma, que pode receber variados conteúdos” (2006, pág. 19). Ora, se soubesse realmente como agir, agiria da forma que é conveniente para ter um bom desempenho escolar, como ele mesmo disse, valorizando a escola. Observamos com isso que o aluno C sabe de seus deveres, porém não tem iniciativa para cumpri-los. Isso mostra que apenas a apresentação de regras não são suficientes para fazer com que o aluno respeite as normas da escola e, conseqüentemente, tenha um bom desempenho escolar.

4.4. Aluno D

Série: 1º D

Período: Tarde

Idade: 17 anos

No ano de 2012 cursou o 1º ano do ensino médio na mesma escola que realizamos a pesquisa, ou seja, foi reprovado e está cursando o primeiro ano novamente.

Segundo os relatos dos professores e as ocorrências registradas, o aluno D não faz as atividades propostas, utiliza muito aparelho celular enquanto o professor explica a matéria e entra atrasado em várias aulas, não respeitando as regras da escola.

A seguir, algumas das ocorrências do aluno D no ano de 2013.

Data: 26/02/2013

Ficam advertidos os alunos: aluno D, (...) por atrapalhar a aula de física. Houve uma confusão por brincadeira boba por conta de uma bolacha. Estão cientes que na reincidência serão suspensos. (Livro de ocorrências da escola)

Mesmo com o aviso da direção, o aluno D continuou com a mesma postura em sala de aula e outras ocorrências por indisciplina foram registradas.

Data: 20/03/2013

Fica advertido o aluno D, por seu comportamento inadequado durante a aula de artes. Segundo o professor, o aluno ficou escrevendo na lousa sem permissão e quebrou uma cadeira. O aluno D acha que isso é normal, visto que reconhece que fez, assume seus erros, porém sua postura não muda. O aluno tem problema indisciplinar desde 2012, tendo ficado retido, pois não aproveita as aulas. (Livro de ocorrências da escola)

Na ocorrência acima, o responsável pela direção enfatiza que o aluno D foi reprovado no ano de 2012, mas mesmo depois de ficar retido continua com as mesmas atitudes.

Conversamos com o aluno D e ele aceitou conceder a entrevista após apresentarmos o projeto. Na entrevista conseguimos informações que consideramos essenciais para entendermos o motivo do comportamento do aluno dentro da escola.

Entrevista

Em uma das primeiras perguntas o aluno deixa claro sua opinião sobre a importância da escola:

Você gosta da escola?

- *Gostar eu não gosto, né?*

Por quê?

- *Porque eu acho que não faz muita diferença de um curso.*

Estar na escola e não estar na escola, não faz diferença?

- *Pra mim não.*

Em seguida, questionamos o aluno com relação a sua postura em sala de aula. Primeiramente perguntando a sua opinião sobre as características de um bom aluno.

Quais as características de um bom aluno?

- *Bom aluno é aquele que sabe fazer a parte dele, que não atrapalha ninguém e nunca dá trabalho.*

Você se considera um bom aluno?

- Não

Por quê?

- *Porque eu já atrapalhei muito dentro de sala de aula, já fui várias vezes para a diretoria e às vezes não faço a minha parte.*

Ao questionarmos se ele mudará a sua postura em sala de aula a resposta foi clara. A justificativa da possível mudança exemplifica o pensamento do aluno com relação a sua vida escolar.

As vezes que você foi para a diretoria, foi por culpa sua?

- *Eu acho que sim*

Por quais motivos você vai?

- *Por atrapalhar a sala e, algumas vezes porque eu fui respondão.*

Você pretende mudar a postura que você tem como aluno?

- *Já tentei...*

Defina a postura que você tem como aluno.

- *Bagunceiro, mas isso aos poucos eu já estou melhorando. Às vezes eu falo demais e não faço a lição*

Você pretende mudar isso?

- *Pretendo*

Por quê?

- *Para a minha mãe não precisar vir na escola, porque ela trabalha e às vezes ela perde o tempo dela, sendo que ela não precisava vir.*

Encontramos um ponto que nos leva a pensar sobre o motivo das atitudes de indisciplina do aluno na escola. Primeiramente o aluno responde que não gosta da escola, logo em seguida, argumenta que a escola não é importante:

Estar na escola e não estar na escola, não faz diferença?

- *Pra mim não.*

Como fazer o aluno respeitar as regras da escola, sendo que ele não acha que a sua vida escolar seja importante? Podemos notar que o aluno não considera o fato de que a escola vai influenciar diretamente na vida fora do ambiente escolar. Com relação aos conceitos de Moral e Ética considerados por La Taille (2006), a pergunta: “como devo agir?” referente à reflexão moral, cai em contradição se confrontarmos com o pensamento do aluno de que escola não é importante. Se o aluno não considera a escola importante, por qual motivo respeitará as regras impostas pela escola? Percebe-se que neste caso, há falta de respeito às regras da escola, que pode ser explicada imediatamente pela falta de princípios do aluno D com relação à importância que a escola tem para a sua vida. O que evidencia a opinião do aluno sobre a importância da escola é a resposta que ele dá ao perguntarmos sobre o seu comportamento:

Você pretende mudar o seu comportamento?

- *Pretendo*

Por quê?

- *Para a minha mãe não precisar vir na escola, porque ela trabalha e às vezes ela perde o tempo dela, sendo que ela não precisava vir.*

Em nenhum momento o aluno reflete que se mudar o comportamento, se começar a se empenhar pode aprender o melhor que a escola tem a lhe oferecer. A única justificativa do aluno é em questão do tempo gasto pela mãe ao vir na escola para resolver os seus problemas de indisciplina, o que evidencia a sua opinião sobre a importância que a escola tem para a sua vida.

4.5. Aluno E

Série: 1º F

Período: Tarde

Idade: 16 anos

Segundo os relatos dos professores e as ocorrências registradas, o aluno E não faz as atividades propostas, grita muito, utiliza muito o aparelho celular, canta e dança em sala de aula, enquanto o professor tenta explicar a matéria, desrespeita os alunos e professores com palavrões, entra atrasado em várias aulas.

.A seguir, algumas das ocorrências do aluno E no ano de 2013.

Data: 12/03/2013

Fica advertido o aluno E, 1ºF, por atrapalhar a aula de sociologia. O aluno E tem reclamações de todos os professores por seu comportamento inadequado. Os responsáveis serão convocados por escrito. (Livro de ocorrências da escola)

Data: 15/03/2013

Compareceu à escola a mãe do aluno E, 1ºF, para reunir-se com os professores, para estar ciente do comportamento de seu filho. Os professores deixaram claro que o aluno grita, é desrespeitoso e lidera um grupo que atrapalha o andamento da aula. (Livro de ocorrências da escola)

Mesmo com a convocação dos responsáveis, o aluno E não melhorou o seu comportamento. Foi encaminhado à diretoria por diversas vezes e os seus pais foram convocados a comparecer à escola novamente. No início do mês de abril, foi suspenso por desrespeitar um professor. Segue ocorrência:

Data: 09/04/2013

Fica suspenso por 03 dias, a saber, 11, 12 e 15/04, o aluno E, pelos motivos descritos no relatório anexo.

O aluno é reincidente em brigas. É extremamente desrespeitoso, e isso já foi colocado para os responsáveis, porém o aluno não melhora.

Os responsáveis serão convocados a comparecer na escola, e as providências legais serão tomadas. (Livro de ocorrências da escola)

No documento em anexo, feito pelo professor com o qual o aluno E foi desrespeitoso, consta o relato:

O aluno é desrespeitador em todos os momentos da aula.

Fala alto, fala palavras “baixas”, não respeita a maioria das regras escolares.

Na última aula (09/04), enquanto eu (professor) falava com outro aluno, me ameaçou com a seguinte frase:

“se fosse eu, tacava a carteira”.

Não é a primeira vez que o aluno faz ameaças dessa forma e já foi avisado para não ter tais atitudes. Como o diálogo não funcionou, o aluno foi encaminhado para a direção. (Livro de ocorrência da escola)

Apresentamos o projeto ao aluno E, que aceitou conceder a entrevista. Notamos alguns pontos importantes referentes ao pensamento do aluno com relação à escola. Segue um trecho da entrevista:

Qual é a importância da escola pra você?

- Tem que estar na escola para que o aluno seja alguma coisa no futuro.

E pra sua vida?

- A escola é importante. A gente precisa dar o melhor na escola pra ser alguém no futuro.

Ao perguntarmos o que mais gosta de fazer na escola, o aluno relata exatamente o motivo pelo qual aparece frequentemente no livro de ocorrências da escola: a indisciplina, descrita pelo aluno D como “bagunça”. Ao perguntarmos sobre as disciplinas que não gosta, o aluno foi objetivo.

E o que você gosta de fazer na escola?

- Gosto de comer, bagunçar, de falar com os professores, discutir sobre quando eu estou bem ou não.

Quais disciplinas você não gosta?

- História e Geografia.

Ao perguntarmos o motivo, o aluno deixou evidente que não vê “sentido” em algumas disciplinas que tem que cursar, mostrando uma frágil opinião sobre o conhecimento que pode ser adquirido através de tais disciplinas.

Por que não gosta dessas disciplinas?

- Geografia pra mim não significa nada. O que dá mais nas empresas são matemática e português.

O aluno E também mostrou o seu descontentamento com o seu relacionamento com os professores:

Qual a sua relação com os professores?

- Os professores não gostam de mim por causa da bagunça.

Ao questionarmos sobre o seu comportamento, o aluno E respondeu que se considera um bom aluno, mesmo com todas as ocorrências escolares, mesmo fazendo “bagunça” em todas as aulas:

Quais as características de um bom aluno pra você?

- *Pra mim, ele tem que ser esforçado, estudar bem e ter notas boas.*

Você se considera um bom aluno?

- *Sim.*

Por quê?

- *Porque, tirando as minhas bagunças, quando eu não estou prestando atenção, sempre eu tento voltar pra ver se eu consigo fazer.*

Analisando as respostas do aluno E, conseguimos observar que o aluno não considera o seu comportamento como inadequado, afinal, ao perguntarmos sobre as características de um bom aluno, ele não relata nada sobre indisciplina, ou como ele mesmo descreve, “bagunça”. O fato é que a escola tem um conjunto de regras que tem que ser respeitadas, porém, como descrito na ocorrência do dia: 09/04/2013, o aluno desrespeita o professor a ponto de falar: “se fosse eu, tacava a carteira” não é caso de regra e sim de um conceito Moral do aluno. É claro que em hipótese alguma um aluno deve falar isso para um professor e vice-versa. A ideia de La Taille (2006) de que a reflexão Moral corresponde ao questionamento “como devo agir?” nos leva à conclusão de que neste caso há falta do conceito Moral por parte do aluno E, o que é uma consequência do pensamento dele sobre as atitudes de um bom aluno. Para La Taille “Moral e Ética são conceitos habitualmente empregados como sinônimos, ambos referindo-se a um conjunto de regras de conduta consideradas como obrigatórias” (2006, p.15). No caso do aluno E, desrespeitar essas regras de conduta faz com que o seu nome esteja frequentemente no livro de ocorrências da escola, assim, prejudicando os seus estudos. A questão é que o aluno não vê como um malefício o fato de “bagunçar” em sala de aula, ou seja, não entende realmente como obrigatórias tais regras de conduta.

5 CONCLUSÃO

Analisando as pesquisas sobre o aluno-problema, notamos diferentes visões sobre o tema. O trabalho de Leonídio Ribeiro junto ao LBI evidencia que o aluno-problema era rotulado como uma “criança propensa” ao crime. É claro que nos dias de hoje não podemos ter o mesmo pensamento de Ribeiro. Sabemos hoje, por trabalhos realizados no decorrer das décadas, que não é por conta do mau comportamento na escola que a criança ou adolescente se tornará um criminoso. Devemos muito desse conceito a pesquisadores como Arthur Ramos, que em sua obra *A criança problema* mostrou que a maioria das crianças com problemas comportamentais não tinha nenhuma alteração neurológica e, sim, sofria a interferência de acontecimentos familiares e problemas sociais que justificavam os seus comportamentos na escola. Obras como a de Ramos (1949) e as pesquisas realizadas pelos CBPE e CRPEs são de fundamental importância para o pensamento que temos sobre o aluno-problema nos dias de hoje.

Ao realizarmos as entrevistas com os alunos, considerando as conclusões de Ramos e dos CBPE e CRPEs, não tentamos justificar as causas do mau comportamento dos alunos entrevistados, e sim entender o que o aluno-problema pensa sobre a sua vida escolar. Analisamos as entrevistas com base nos conceitos de Moral e ética defendidos por La Taille e conseguimos identificar pontos importantes que podem facilitar futuras ações que visam a melhorar a relação aluno/escola.

Notamos que os alunos entrevistados não respeitam algumas regras por não concordarem com elas. Não consideram as regras impostas pela escola como essenciais para uma boa convivência entre os funcionários e alunos. Por meio das ocorrências escolares e das entrevistas, percebemos que os alunos consideram algumas situações de desrespeito e indisciplina como “normais”. Ora, as regras da escola precisam ser respeitadas, assim como todas as regras impostas por qualquer grupo humano para que se tenha uma boa relação entre as pessoas pertencentes a esse grupo. O fato do desrespeito dos alunos com os professores não pode ser tratado apenas como uma regra desrespeitada e sim, da falta do conceito de moral por parte do aluno. Para La Taille “Moral e ética são conceitos habitualmente empregados como sinônimos, ambos referindo-se a um conjunto de regras de

conduta consideradas como obrigatórias” (2006, pag.15). O que os alunos precisam, na realidade, não é apenas de regras e sim, de reflexões de moral e ética. Seguindo o conceito de reflexão Moral desenvolvido por La Taille (2006), a reflexão moral corresponde à pergunta “como devo agir?”. Nos casos de indisciplina relatados neste trabalho, tais atitudes seriam evitadas, levando em consideração que se o aluno fizesse uma reflexão moral, jamais agiria daquela forma, desrespeitando regras básicas de convivência entre os funcionários e alunos da escola. Ainda em relação a esses casos de indisciplina, considerando o conceito de reflexão ética defendido pelo autor, em que tal reflexão corresponde à pergunta “que vida quero viver?”. Ora, nesse caso é simples o pensamento de que se o aluno fizer uma reflexão do quão importante será a escola em sua vida, dará uma importância muito maior a sua vida escolar, conseqüentemente, não agirá de forma que possa prejudicar os seus estudos. Portanto, concluímos que os alunos pesquisados não precisam de mais regras, pois já as conhecem e não as respeitam. Os alunos-problema pesquisados precisam adquirir os conceitos de Moral e Ética. Precisam saber fazer reflexões sobre o que é importante em suas vidas. Precisam entender o motivo pelos quais o respeito às regras impostas pela escola é importante para um bom relacionamento com as pessoas com quem convivem. É claro que apenas a escola não pode garantir a formação moral e ética dos alunos, então deixamos como últimas indagações: como a escola pode ensinar moral e ética aos alunos? A escola poderia ter estratégias pensadas e conscientes para trabalhar essa questão? Logo, este trabalho não fecha o tema aluno-problema, deixando perspectivas para próximas pesquisas, para que possamos estudar possíveis ações com o objetivo de melhorar a relação aluno/escola.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Júlio Groppa. **A indisciplina e a escola atual**. São Paulo, 1998.
- FERREIRA, Márcia dos Santos. **O centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (1956 - 1961)**. Universidade de São Paulo, 2001.
- FREITAS, Marcos Cezar. **O aluno problema, forma social, ética e inclusão**. São Paulo. Ed Cortez, 2011.
- GARCIA, Ronaldo Aurélio Gimenes. **Arthur Ramos e os estudos sobre a criança problema (Rio de Janeiro 1930 - 1940)**. UFSCar. São Paulo, 2006.
- LA TAILLE, Yves de. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo, SP: Editora Ática, 2000.
- LA TAILLE, Yves de. **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. São Paulo, SP. 2006.
- LA TAILLE, Yves de. **Uma interpretação psicológica dos “limites” do domínio moral: os sentidos da restrição e da superação**. São Paulo, SP. 2002.
- MÜLLER, Tânia Mara Pedroso. **Justiça versus educação. A criança no Governo Vargas**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.
- RAMOS, Arthur. **A criança Problema – Higiene mental na escola primária**. 2ª edição. Ed da casa do estudante do Brasil. Rio de Janeiro, 1949.
- SILVA, Renato da. **O Laboratório de Biologia Infantil, 1935-1941: da medicina legal à assistência social. História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.18, n.4, out-dez, 2011, p.1111-1130.
- SILVA, Rodrigo Torquato. **Escola – Favela E Favela – Escola: Esse menino não tem jeito**. Ed Faperj. Rio de Janeiro, 2012.
- SPOZATI, Aldaíza. **Exclusão Social e Fracasso Escolar**: São Paulo, 2000.

ANEXO A – FICHA DOS ALUNOS

A.1 Ficha do Aluno A

Caracterização

Pseudônimo: Aluno A

Série: 1º B

Período: Tarde

Idade: 15 anos

No ano de 2012 cursou o 9º ano do ensino fundamental em uma escola da prefeitura de Barueri.

Perfil

Segundo os relatos dos professores e as ocorrências registradas, o aluno A é desrespeitador e agressivo. Sai da sala de aula sem autorização, não respeita horários de entrada na escola. Grita com os colegas e professores. Não aceita ser contrariado. Não faz as atividades e não fica sentado no lugar estipulado.

A seguir, algumas das ocorrências registradas desde o início do ano letivo de 2013 sobre o aluno A.

Data: 05/02/2013

“Fica advertido o aluno A, 1ºE, por fazer sinais com os dedos, saindo dos olhos, dando a entender que “esta de olho no professor” de matemática”.

Foi orientado em relação às normas da escola e está ciente que na reincidência será suspenso.

Data: 21/02/2013

“Fica suspenso o aluno A, 1ºE, por desrespeito à professora de Física. O aluno apresenta comportamento inadequado e vários professores estão reclamando. O

Próprio aluno sugere que mudemos o mesmo de sala, pois só se “mete” em confusão por conta de um colega de classe”.

Os responsáveis serão convocados.

Data: 08/03/2013

“Fica suspenso por um dia, a saber, dia 08/03, o aluno A, 1ºB, por agredir fisicamente um colega de classe. O motivo da agressão foi uma caneta. O aluno vem dando problemas indisciplinados, já foi mudado de classe e permanece o problema. Os responsáveis serão convocados por escrito”.

Data: 01/04/2013

“Fica suspenso por 3 (três) dias, o aluno A, 1ºB, por desrespeitar primeiro a minha pessoa (vice-diretora), pois enquanto todos entravam para a classe, ele insistia em ir para o pátio. Quando pedi para que ele fosse para a classe, o aluno ficou dizendo que iria beber água, sendo que já eram 13h10 e deveria estar na sala às 13h. Voltou para o lado da sua classe resmungando que eu era “miguelona”. Como estava colocando os alunos para dentro, desconsidere e continuei o meu trabalho. Em seguida, chega à minha sala a professora de língua portuguesa extremamente nervosa, alegando que o aluno estava estapeando a porta e criando confusão. Ele veio até minha sala aos berros, soltando palavrões que ninguém é obrigado a escutar. Esse comportamento é típico do aluno desde o início do ano. Já o trocamos de sala pois ele alegava que os problemas que ele tinha era por causa de um colega, e não melhorou em nada. Os responsáveis e o aluno ficarão cientes que de acordo com o artigo 331, desacato ao funcionário público em serviço é crime. A professora, esteve presente durante todo o ato de indisciplina do aluno e assina como testemunha. O aluno fica suspenso, a saber, dias 02, 03 e 04/04 de acordo com o Regimento Interno da escola, e se, o seu comportamento agressivo não melhorar, o mesmo será encaminhado aos órgãos competentes, para que tenha auxílio, se necessário. A inspetora, diz que o aluno está sempre tumultuando, gritando e não acata às suas solicitações. Enquanto aguardava a chegada do seu tio (que foi contatado por telefone), o aluno pulou o muro em frente a administração, e saiu batendo em todas as portas das salas de aula, causando mais tumulto.”

Entrevista

Qual a importância da escola para você? Para a sua vida?

Serve pra eu ter um futuro melhor, um emprego bom. É necessária pra eu ter um bom emprego.

Você gosta da escola? O que você mais gosta de fazer na escola?

Bagunçar, ver as meninas e fazer algumas atividades.

Quais atividades?

Matemática, educação física, bióloga, e só.

Você falou que a escola é importante, mas também disse que gosta de bagunçar. A bagunça vai ajudar você em algo?

Não

E por que você bagunça?

Porque esse é o meu jeito, desde a outra escola.

Pretende muda-lo?

Não, agora não. Quem sabe mais pra frente...

Qual a sua relação com os professores?

É normal. Só tenho problema com a professora de inglês.

E o que acontece?

Eu saio da sala e discuto com ela às vezes.

E relação com os seus colegas?

É tranquila, a gente brinca lá na sala, bagunça junto. Sai na zoeira no corredor.

Sempre na zoeira?

Sempre na zoeira, é isso aí.

Como é a sua relação com os funcionários da escola?

No começo eu xingava todo mundo.

Por quê?

Porque eles queriam mandar em mim e eu não gosto de ser mandado por ninguém. Queriam falar o que pode e o que não pode.

E aí você xingava eles?

Aí eu xingava eles.

E esse relacionamento melhorou?

Melhorou.

Por quê?

É que o meu tio veio aqui na escola e conversou comigo e todo mundo lá. Aí falou que a próxima vez que eu ficasse xingando os outros eu ia ser expulso da escola.

Você tem medo de ser expulso e melhorou o comportamento?

Isso. Agora estou fazendo as atividades, tudo em ordem.

O que você pensa sobre um “bom aluno”.

Que faz as atividades. Não precisa ser tão quieto assim, mas agora eu estou ficando quieto.

Você se considera um bom aluno?

Antes eu não era um bom aluno. Agora eu pretendo ficar tranqüilão.

Sua vida fora da escola influencia o aluno que você é aqui na escola?

Aqui dentro eu sou meio doidão, agora lá fora não, lá fora eu sou tranqüilo.

Aqui você é outra pessoa? Por que acontece isso?

Eu não sei (risos). Já passei no psicólogo e tudo em outra escola. Só aqui que eu sou meio “chapadão”.

Por que você não bagunça lá fora?

Porque á fora é tudo diferente. Lá fora você vai bagunçar aí tem alguém mais folgado que pode bater em você. Agora na escola não. Na escola você pode ser expulso ou só levar convocação, essas coisas só.

Com relação aos funcionários da escola, o que você acha que seria o certo a se fazer?

Não mandar nos alunos porque os outros não gostam. Você quer ir ao banheiro e ninguém quer deixar. Qualquer coisa, suspensão ou chama os pais. Aí eu já não gosto.

E se fosse desse jeito?

Aí eu ia ficar tranquilão. Eles querem mandar em todo mundo, aí fica difícil.

A.2 Ficha do Aluno B

Caracterização

Pseudônimo: Aluno B

Série: 1º B

Período: Tarde

Idade: 16 anos

No ano de 2012 cursou o 9º ano do ensino fundamental em uma escola da prefeitura de Barueri.

Perfil

Segundo os as ocorrências registradas, o aluno B é desrespeitador. Não aceita ser contrariado e em qualquer conversa, levanta o tom de voz com professores e funcionários da escola. Não faz a maioria das atividades propostas em sala de aula.

A seguir, alguma das ocorrências do Aluno B registradas pelos membros da direção da escola no ano de 2013.

Data: 21/02/2013

O aluno B do 1º B, atrapalhou a aula, desacata professor, coordenador, vice, ou seja, todos que tentam conversar com ele.

O aluno se altera a todo momento, levanta a voz, faz piada com tudo que lhe é dito. O aluno fica advertido até o momento e será convocado o responsável para comparecer na U.E.

Data: 01/04/2013

Fica suspenso, até o comparecimento de um responsável, o aluno B, 1ºB, por desrespeitar a professora de Língua portuguesa. O responsável será convocado para conversar com a professora.

Data: 23/04/2013

Os alunos ficam advertidos por brincadeiras em sala de aula e com isso uma cadeira ficou quebrada. Os alunos são: B, (...) Ficam cientes que na recorrência serão convocados os pais.

Entrevista

Qual é a sua série?

1ºB

Idade?

16 anos.

Qual é a importância da escola pra você?

É que, tipo, a gente precisa estudar pra ser alguém na vida. Com estudo a gente vai ter conhecimento pra, tipo no futuro a gente arrumar um emprego bom e sustentar a nossa família, nossos filhos, dar o bom e o melhor para os nossos filhos.

E pra sua vida?

Eu vou poder ser alguém na minha vida. Alguém vai chegar e perguntar: Quem é o Aluno B? E eu ou poder falar... Tipo, sem estudo você não vai saber fazer as coisas, não vai saber fazer nada e a pessoa não vai te conhecer, não vai saber quem você é.

Você gosta da escola?

Gosto.

O que você mais gosta na escola?

Eu gosto de tudo. Eu gosto mais da sala de aula, tipo, algumas aulas não, algumas aulas sim, tipo, dentro da sala de aula a gente conversa com o professor. Dependendo do professor a gente conversa até sobre os problemas familiares, ele pode dar conselho para a gente.

Qual disciplina você gosta mais?

Química, matemática e português.

E quais disciplinas você não gosta?

Todas as outras.

E por qual motivo?

Por causa dos professores. Tipo assim, um professor entra na sala, eu entendo que na aula anterior ele foi mal e ficou estressado, eu entendo isso, mas tipo, eu acho que o professor cada aula que ele entra numa sala diferente, ele devia se apresentar de forma original, como se ele tivesse que esquecer o que aconteceu antes. Os professores das aulas que eu não gosto, eles não fazem isso, eles entram já com aquele clima pesado, já com aquela ignorância, aí eu não gosto, não me dou bem.

E qual a sua relação com os professores?

Ruim, muito ruim.

Inclusive das matérias que você gosta?

Não, das matérias que eu gosto eu me dou bem, faço todas as lições...

E das matérias que você não gosta você não faz as atividades?

É não faço. Porque, tipo assim, eu começo a fazer, aí o professor já começa a ser ignorante, aí eu já não faço. Tipo, eu não bagunço, mas eu não faço.

E o relacionamento com os seus colegas?

Me dou bem com todos, da minha sala, das outras salas...

E os funcionários da escola?

Me dou bem com todos.

O que você pensa sobre um bom aluno?

Um bom aluno, ele não precisa ser quieto, calado, mudo e só fazer as lições. Um bom aluno pra mim é aquele que conversa com o professor, tem diálogo, faz as atividades, tipo, é normal conversar com os outros colegas, andar pela sala, ninguém é uma estátua, mas tipo assim, um mau aluno é aquele que sabe que está errado e continua fazendo, que nem... Eu acho que eu sou um bom aluno, porque eu faço as atividades, aí eu converso bastante com o professor. Mas eu também tenho meu lado ruim, porque eu não me dou bem com os professores e não faço as lições deles.

Então em alguns momentos você é um bom aluno... (o aluno interrompeu a minha fala com a resposta):

Em outros momentos eu sou um mau aluno.

E por que você não é um bom aluno, mesmo não gostando da disciplina?

Como eu vou poder explicar? Tipo, os professores vêm com a ignorância deles, com a arrogância deles me faz isso. Faz eu não gostar da aula, faz eu não gosta deles.

A sua vida fora da escola influência no seu comportamento dentro da escola?

Um pouco sim, um pouco não. Vou fala da parte que sim. Tipo, minha família, minha mãe e meu pai, eles têm brigas, muitas brigas na minha casa. Minha mãe fala muito palavrão, muitas gírias, essas coisas. Aí sei lá, eu aprendi um pouco disso mesmo não querendo. Aí eu pratico um pouco disso na escola. Que nem nas aulas que eu não gosto do professor, aí eu pratico isso. Mas com tudo isso não tenho nenhum problema em casa, sou educado, sou educado na escola também.

Você falou dos palavrões, você disse que às vezes você acaba... (o aluno me interrompeu novamente):

É tipo, às vezes eu faço coisas que não devo. Que nem, um professor começa a tipo, conversar comigo na ignorância eu aumento a voz, altero a minha voz e começo a xingar. Isso é um defeito que eu tenho

Você tem ciência disso, mas mesmo assim (nova interrupção):

Eu pratico esse ato, por isso que eu acho que influencia na minha casa. Que nem a minha mãe grita muito comigo, mas porque, tipo, ela é mãe eu faço as coisas erradas em casa, eu bagunço, aí ela faz isso.

A.3 Ficha do Aluno C

Caracterização

Pseudônimo: Aluno C

Série: 1º D

Período: Tarde

Idade: 15 anos

Perfil

Segundo as ocorrências registradas, o aluno C não faz as atividades, atrapalha as aulas com conversas. Demora muito para entrar em sala na troca de aula e usa o fone de ouvido a todo o momento.

A seguir, algumas das ocorrências registradas desde o início do ano letivo de 2013 sobre o aluno C.

Data: 26/02/2013

Ficam advertidos os alunos C, (...) por atrapalhar a aula de física. Houve uma confusão por brincadeira boba por conta de uma bolacha. Estão cientes que na reincidência serão suspensos.

Data: 05/03/2013

Compareceu a escola a mãe do aluno C, 1ºD, para resolver um problema de indisciplina de seu filho durante a aula da professora de língua portuguesa. Segundo a professora, o aluno juntamente com um grupo, tumultuou a sua aula, não permitindo com um “coro” de muitas vozes.

A mãe e o aluno, que estava presente, foram conscientizados na necessidade de estudar e ao atrapalhar as aulas.

Ficaram cientes que por conta dos inúmeros problemas, na reincidência será suspenso.

Durante nossa conversa, o aluno não demonstrou interesse em melhorar.

Entrevista

Qual é a sua idade?

15 anos.

Qual importância da escola pra você?

A importância da escola pra mim é que, se eu for bem na escola e tal, eu vou ter um futuro melhor e é importante eu me dedicar aos meus estudo pra ter um futuro melhor.

Então a escola é importante pra tua vida?

É importante, mas nem sempre eu valorizo a escola.

Por quê?

Sei lá, às vezes eu vou pela cabeça dos outros, começo a bagunçar. Tem vez que eu não faço porque eu não sei.

Você gosta da escola?

Gosto.

O que você mais gosta na escola?

Eu goto de tudo. Tudo que eu faço aqui eu gosto.

E o qual que é a sua rotina na escola?

Tem algumas aulas que eu bagunço e algumas aulas que eu estudo.

E por que você bagunça em algumas aulas e estuda em outras?

Tem vezes que eu bagunço e porque meus amigos bagunçam e eu “idiota” vou pela cabeça dos outros e bagunço também. E tem algumas coisas que assim, eu gosto das aulas, eu presto atenção e tal.

E o que você mais gosta nessas aulas?

Tudo.

Todas as atividades você gosta?

Sim.

Qual a sua relação com os professores dessas matérias? Você se dá bem com todos os professores?

Não, eu me relaciono muito bem com os professores. Não tenho problema com nenhum.

E com os colegas de classe?

Também.

E os funcionários da escola?

Eu converso com todos também. São legais, nunca tive nenhuma discussão com nenhum deles.

O que é um bom aluno pra você?

Em primeiro lugar, um bom aluno tem que respeitar. Tem que ser obediente com o professor, respeitar, não xingar e fazer todas as atividades.

Você se considera um bom aluno?

Não.

Por qual motivo?

Porque nem sempre eu faço lição e nem sempre eu obedeço.

Nas primeiras perguntas você disse que escola é importante, agora você disse que nem sempre faz lição. Por quê?

Porque eu não dou valor a isso. É importante, mas eu não valorizo.

A sua vida fora da escola, influência no aluno que você é na escola?

Não, porque geralmente as pessoas têm problemas em casa e tal e começam a fazer as coisas na escola, tipo, descontar na escola e tal, mas não. Não tenho esse problema.

E você já teve algum problema em relação à indisciplina ou não fazer as atividades?

Já

E foi para a direção?

Fui quatro vezes esse ano e minha mãe teve que ser chamada duas vezes

Você acha que o erro foi seu?

Não, foi meu, sim. Todas às vezes

E quando que foi a última vez?

Foi na aula de uma professora e eu estava assoviando bem alto, aí pediram pra eu ir.

A.4 Ficha do Aluno D**Caracterização**

Pseudônimo: Aluno D

Série: 1º D

Período: Tarde

Idade: 17 anos

No ano de 2012 cursou o 1º ano do ensino médio na mesma escola que realizamos a pesquisa, ou seja, foi reprovado e está cursando o primeiro ano novamente.

Perfil

Segundo os relatos dos professores e as ocorrências registradas, o aluno D não faz as atividades propostas, utiliza muito aparelho celular enquanto o professor explica a matéria, entra atrasado em várias aulas.

.A seguir, algumas das ocorrências do aluno D no ano de 2013.

Data: 26/02/2013

Ficam advertidos os alunos: aluno D, (...) por atrapalhar a aula de física. Houve uma confusão por brincadeira boba por conta de uma bolacha. Estão cientes que na reincidência serão suspensos.

Data: 20/03/2013

Fica advertido o aluno D, por seu comportamento inadequado durante a aula de artes. Segundo o professor, o aluno ficou escrevendo na lousa sem permissão e quebrou uma cadeira. O aluno D acha que isso é normal, visto que reconhece que fez, assume seus erros, porém sua postura não muda. O aluno tem problema indisciplinar desde 2012, tendo ficado retido, pois não aproveita as aulas.

Entrevista

Qual é a sua série?

1ºD.

Sua idade?

17 anos.

Qual é a importância da escola pra você?

É importante saber o que quer ser na vida. É isso.

E pra sua vida?

Pra eu querer ser alguém lá fora. Saber responder as perguntas certas.

Você gosta da escola?

Gostar eu não gosto, né?

Por quê?

Porque eu acho que não faz muita diferença de um curso.

Estar na escola e não estar na escola, não faz diferença?

Pra mim não.

E por que você acha isso? Por que você acha que temos que frequentar a escola?

Pra eu ser alguém lá fora.

Mas não é importante?

Pra mim não.

Quais disciplinas você gosta mais?

Educação física geografia, história, português.

E quais disciplinas você não gosta?

Matemática e Química.

Por que você não gosta?

Mexe muito com números e eu não sou muito chegado.

Qual é a sua relação com os professores?

Normal.

Com os colegas de classe?

Também, não tive problema com nenhum.

E com os funcionários?

São todos legais, nunca tive problema com nenhum.

Quais as características de um bom aluno?

Bom aluno é aquele que sabe fazer a parte dele, que não atrapalha ninguém e nunca dá trabalho.

Você se considera um bom aluno?

Não.

Por quê?

Porque eu já atrapalhei muito dentro de sala de aula, já fui várias vezes para a diretoria e às vezes não faço a minha parte.

As vezes que você foi para a diretoria, foi por sua culpa?

Eu acho que sim

Por quais motivos você vai?

Por atrapalhar a sala e, algumas vezes porque eu fui respondão.

Com os professores?

Com os professores.

Você pretende mudar a postura que você tem como aluno?

Já tentei.

Defina a postura que você tem como aluno.

Bagunceiro, mas isso aos poucos eu já estou melhorando. Às vezes eu falo demais e não faço a lição.

Você pretende mudar isso?

Pretendo.

Por quê?

Para a minha mãe não precisar vir na escola, porque ela trabalha e às vezes ela perde o tempo dela, sendo que ela não precisava vir.

A.5 Ficha do Aluno E

Caracterização

Pseudônimo: Aluno E

Série: 1º F

Período: Tarde

Idade: 16 anos

Perfil

Segundo os relatos dos professores e as ocorrências registradas, o aluno E não faz as atividades propostas, grita muito, utiliza muito aparelho celular, canta e dança em sala de aula, enquanto o professor tenta explicar a matéria, desrespeita os alunos e professores com palavrões, entra atrasado em várias aulas.

A seguir, algumas das ocorrências do aluno E no ano de 2013.

Data: 12/03/2013

Fica advertido o aluno E, 1ºF, por atrapalhar a aula de sociologia. O aluno E tem reclamações de todos os professores por seu comportamento inadequado. Os responsáveis serão convocados por escrito.

Data: 15/03/2013

Compareceu à escola a mãe do aluno E, 1ºF, para reunir-se com os professores, para estar ciente do comportamento de seu filho. Os professores deixaram claro que o aluno grita, é desrespeitoso e lidera um grupo que atrapalha o andamento da aula.

Data: 09/04/2013

Fica suspenso por 03 dias, a saber, 11, 12 e 15/04, o aluno E, pelos motivos descritos no relatório anexo.

O aluno é reincidente em brigas. É extremamente desrespeitoso, e isso já foi colocado para os responsáveis, porém o aluno não melhora.

Os responsáveis serão convocados a comparecer na escola, e as providências legais serão tomadas.

No documento em anexo, consta o relato:

O aluno é desrespeitador em todos os momentos da aula.

Fala alto, fala palavras “baixas”, não respeita a maioria das regras escolares.

Na última aula (09/04), enquanto eu (professor) falava com outro aluno, me ameaçou com a seguinte frase:

“se fosse eu, tacava a carteira”.

Não é a primeira vez que o aluno faz ameaças dessa forma e já foi avisado para não ter tais atitudes. Como o diálogo não funcionou, o aluno foi encaminhado para a direção.

Entrevista

Qual é a sua série?

1º F

Sua idade?

16 anos

Qual é a importância da escola pra você?

Tem que estar na escola para que o aluno seja alguma coisa no futuro.

E pra sua vida?

A escola é importante. A gente precisa dar o melhor na escola pra ser alguém no futuro.

Você gosta da escola?

Sim, gosto de algumas partes sim.

E o que você gosta de fazer na escola?

Gosto de comer, bagunçar, de falar com os professores, discutir sobre quando eu estou bem ou não.

Quais as disciplinas que você mais gosta?

Matemática e português.

E quais disciplinas você não gosta?

História e Geografia.

Por quê?

Geografia pra mim não significa nada, porque não vai além do futuro. O que dá mais nas empresas são matemática e português.

Qual a sua relação com os professores?

Os professores não gostam de mim por causa da bagunça.

E com os colegas de classe?

Sempre me dou bem, tirando algumas pessoas falsas.

E com os funcionários da escola?

Me dou bem com todos, não tenho problema com nenhum.

Quais as características de um bom aluno pra você?

Pra mim, ele tem que ser esforçado, estudar bem e ter notas boas.

Você se considera um bom aluno?

Sim.

Por quê?

Porque, tirando as minhas bagunças, quando eu não estou prestando atenção, sempre eu tento voltar pra ver se eu consigo fazer.

ANEXO B – QUESTIONÁRIO PREENCHIDO POR PROFESSORES



ALUNO-PROBLEMA:

Formulário - Profess

Nome do professor: "

Disciplina: Língua Portuguesa

1) Como você caracteriza um aluno rotulado como aluno-problema?

Agressivo, discute por qualquer motivo, incentiva os outros alunos a fazerem bagunça e não fazem as atividades.

Falta com respeito constantemente não segue normas e nem regras.

2) Indique o(s) aluno(s) que você considera aluno-problema.

3) Na sua opinião, quais motivos levam um aluno a se tornar um aluno-problema?

Problemas pessoais geralmente, falta de estrutura familiar, pai alcoólico, mãe que abandona, pais que não tem mais controle sobre os filhos.

Muitos sofrem repressões em casa e desentendem nos estudos.

Pais rígidos demais e filhos usando a escola como válvula de escape.

Alguns não querem estudar, mas os pais duvidam ou por não quererem os filhos em casa ou por causa da falta família.
* uso de drogas.



ALUNO-PROBLEMA:

Formulário - Professor

Nome do professor:

Disciplina: Artes

1) Como você caracteriza um aluno rotulado como aluno-problema?

Normalmente este rótulo é dado apenas aqueles alunos com problemas de disciplina, deixando de lado por vezes um outro aluno com problemas de aprendizagem. Não podemos descartar as dificuldades relacionadas às questões de inclusão no âmbito escolar como um "problema". Muitos professores sentem dificuldades neste ponto, já que no ensino superior não nos preparamos para estas situações.

2) Indique o(s) aluno(s) que você considera aluno-problema.

3) Na sua opinião, quais motivos levam um aluno a se tornar um aluno-problema?

Temos muitas respostas para os motivos que levam um aluno a ter este rótulo. Questão pedagógica, por exemplo, onde encontramos pais ausentes e famílias desestruturadas. Outros também podem resumir este fato.



ALUNO-PROBLEMA:

Formulário - Professor

Nome do professor:

Disciplina: *Língua portuguesa*

1) Como você caracteriza um aluno rotulado como aluno-problema?

O que atrapalha o desenvolvimento da aula com comportamento inadequados, exemplos: contar, brincar, dançar, mexer no celular, conversar alto e falar de palavras enquanto o professor tenta explicar, prender a atenção dos demais alunos.

2) Indique o(s) aluno(s) que você considera aluno-problema.

3) Na sua opinião, quais motivos levam um aluno a se tornar um aluno-problema?

- Geralmente descontentamento com a vida particular. Problemas no lar. Falta de expectativa de vida melhor.



ALUNO-PROBLEMA:

Formulário - Pr

Nome do profes

Disciplina: *Historia*

1) Como você caracteriza um aluno rotulado como aluno-problema?

*Aquele aluno que por diversos fatores, alheios ao ambi-
ente escolar, vem para a escola com o objetivo
de não participar de nenhuma atividade proposta, sem
como, por questões de caráter transtorno do transtorno
do que foi posto*

2) Indique o(s) aluno(s) que você considera aluno-problema.

3) Na sua opinião, quais motivos levam um aluno a se tornar um aluno-problema?

*Necessidade de chamar a atenção para si mesmo
que desse modo se apresenta, por isso "negativos".
Falta de comprometimento familiar
Falta de apoio no dia-a-dia para que possa
"extravasar" suas energias
Desse modo, somente na escola estes sujeitos
conseguem se "auto-afirmar".*



ALUNO-PROBLEMA:

Formulário - Professor

Nome do professor

Disciplina: *Ed. Técnica*

1) Como você caracteriza um aluno rotulado como aluno-problema?

Indisciplinado, atrapalha o andamento das aulas, não faz nada, às vezes grita, chama a atenção, desrespeita, sai da sala sem autorização e entra quando quer. Atrapalha tanto ao professor quanto os demais funcionários da escola em suspetos etc.

2) Indique o(s) aluno(s) que você considera aluno-problema.

3) Na sua opinião, quais motivos levam um aluno a se tornar um aluno-problema?

Os alunos que eles gostam de se mostrar, estão tentando chamar atenção que eles não tenham em casa.



ALUNO-PROBLEMA:

Formulário - Professor

Nome do professor: _____

Disciplina: LPL

1) Como você caracteriza um aluno rotulado como aluno-problema?

- * Os alunos que desrespeitam os 3 pilares/meus principais princípios: Respeito / Solidiedade / Tolerância.
- Agressivos fisicamente, verbalmente;
 - Os não participativos;
 - Os que utilizam atropelas.

2) Indique o(s) aluno(s) que você considera aluno-problema.

3) Na sua opinião, quais motivos levam um aluno a se tornar um aluno-problema?

- problemas familiares;
- problemas sociais;
- problemas psicológicos;
- na participação escolar;
- auto-estima;
- motivação;
- saúde;
- rebeldeia natural da adolescência.
- empatia com o professor(a) e/ou disciplina;
- crises tecnológicas.



ALUNO-PROBLEMA:

Formulário - Prof

Nome do professo..

Disciplina: Matemática

1) Como você caracteriza um aluno rotulado como aluno-problema?

Normalmente o aluno rotulado como aluno-problema é um aluno indisciplinado causador de problemas, mas entendo que o aluno-problema é um aluno no qual como educador não consigo atingir-lo: como os alunos de inclusão, dificuldades de aprendizagem, ou seja, entendo que o aluno rotulado como aluno-problema é aquele aluno no qual como educador não consigo interferir e agir no seu ensino-aprendizagem.

2) Indique o(s) aluno(s) que você considera aluno-problema.

3) Na sua opinião, quais motivos levam um aluno a se tornar um aluno-problema?

- problemas familiares
- problemas de aprendizagem
- ~~problemas~~ defasagem de aprendizagem
- falta de concentração
- desmotivação
- sem objetivo na vida

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

C.1 – Termo de consentimento livre e esclarecido para o professor:



**Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Comitê de Ética em Pesquisa**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa Aluno-problema e sua participação não é obrigatória. Participarão da pesquisa, 5 alunos, de 15 à 18 anos de idade e 7 professores. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Os objetivos deste estudo são compreender o rótulo aluno-problema, identificar atitudes dos alunos que reforçam este rótulo e analisar o pensamento desse aluno em relação a sua vida escolar. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um formulário que fornecerá informações ao pesquisador que possibilitará a seleção de alunos rotulados como aluno-problema. O risco relacionado com sua participação é se sentir desconfortável por conta do assunto em questão ser a indicação de alunos considerados indisciplinados. Eu como pesquisador, deixo claro que os alunos não serão identificados no trabalho e, portanto não haverá o risco de punições escolares ou exposição pública do aluno. Para isso serão escolhidos pseudônimos para os sujeitos da pesquisa. O benefício relacionado com a sua participação é identificar os problemas relacionados ao aluno rotulado como aluno-problema e assim, facilitar as ações que devem ser tomadas por professores e gestão escolar com o objetivo de melhorar a relação aluno/escola. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador principal e do CEP, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Profª.Ms: FABIANE GUIMARÃES VEIRA MARCONDES
Orientadora
E-mail: fabigvmarcondes@gmail.com
Rua Pedro Vicente, 625 Canindé – São Paulo/SP
Telefone: (11) 2763-7576

ANDRÉ RODRIGUES ROSALE
Estudante de licenciatura em matemática
E-mail: andrerosale@hotmail.com
Rua Pedro Vicente, 625 Canindé – São Paulo/SP

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Rua Pedro Vicente, 625 Canindé – São Paulo/SP
Telefone: (11) 3775-4569
E-mail: cep_ifsp@ifsp.edu.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Sujeito da Pesquisa

C.2 – Termo de consentimento livre e esclarecido para o aluno:



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar dessa pesquisa sobre relacionamento escolar. Você foi selecionado por professores e coordenação da escola e sua participação não é obrigatória. Participarão da pesquisa, 5 alunos com idade de 15 à 18 anos e 7 professores. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Os objetivos deste estudo são compreender e identificar atitudes dos alunos que possam prejudica-los em relação à vida escolar e, analisar o pensamento desse aluno em relação à escola. Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder entrevistas para o pesquisador fornecendo informações vividas no ambiente escolar, sendo essas entrevistas gravadas em áudio. Os riscos relacionados com sua participação: se sentir desconfortável por conta do assunto em questão ser a sua própria postura e ter receio de possíveis punições decorrentes de sua fala nas entrevistas. Eu como pesquisador, deixo claro que os alunos não serão

identificados no trabalho. O benefício relacionado com a sua participação é identificar as atitudes que possam prejudicar os alunos quanto ao seu aprendizado na escola e assim, facilitar as ações que devem ser tomadas por professores e gestão escolar com o objetivo de melhorar a relação aluno/escola. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador principal e do CEP, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Profª. Ms: FABIANE GUIMARÃES VEIRA MARCONDES
Orientadora
E-mail: fabigvmarcondes@gmail.com
Rua Pedro Vicente, 625 Canindé – São Paulo/SP
Telefone: (11) 2763-7576

ANDRÉ RODRIGUES ROSALE
Estudante de licenciatura em matemática
E-mail: andrerosale@hotmail.com
Rua Pedro Vicente, 625 Canindé – São Paulo/SP

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Rua Pedro Vicente, 625 Canindé – São Paulo/SP
Telefone: (11) 3775-4569
E-mail: cep_ifsp@ifsp.edu.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Sujeito da Pesquisa